

ARQUIVOS
DO INSTITUTO
NACIONAL
DE SAÚDE



VOL. XVIII | 1993

ARQUIVOS DO INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE



HOMENAGEM À PROFESSORA

LAURA AYRES

INSA, 1 de Junho de 1992

VOL. XVIII

1993

ARQUIVOS
DO INSTITUTO
NACIONAL
DE SAÚDE

Director

Professor José Bandeira Costa

Coordenação

Maria José Vaz Dias

Ilda Martins

**Redacção, Administração
e Propriedade**

Instituto Nacional de Saúde

Avenida Padre Cruz

1699 Lisboa Codex

Portugal

Composição e Impressão

Edições Recipe - Publicações Periódicas, Lda.

Calçada do Monte, 23 r/c

1100 Lisboa

Vol. 18 1993

O Instituto Nacional de Saúde não se responsabiliza pelas opiniões expressas nos artigos publicados nos ARQUIVOS, que são da exclusiva responsabilidade dos seus Autores. A utilização destes trabalhos obriga à identificação da sua origem e autoria.

Depósito Legal N° 13502/86

ISSN 0870 - 2845



PROFESSORA LAURA AYRES

HOMENAGEM À PROFESSORA LAURA AYRES
INSA, 1 DE JUNHO DE 1992

1/ Palavras proferidas pelo Director do Instituto Nacional de Saúde, Prof. Aloísio Coelho	5
2/ Homenagem dos Colaboradores Directos do Laboratório de Virologia do INSA	9
3/ Depoimento do Director-Geral dos Cuidados de Saúde Primários, Prof. José Bandeira Costa	13
4/ Palavras de Sua Excelência o Secretário de Estado da Saúde, Dr. José Martins Nunes	17
5/ Curriculum Vitae da Professora Laura Ayres (Excerpto)	19
6/ Mensagens recebidas, aquando do seu falecimento	65

Palavras proferidas pelo Director do Instituto Nacional de Saúde

*Aloísio M. Coelho**

Pela ordem natural das coisas, cabe-me a mim, na qualidade de Director do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, pronunciar as primeiras palavras nesta sessão de homenagem à memória da figura ilustre que foi a Professora Laura Ayres.

Se é verdade que se trata de um dever de ofício, não é menos verdade que se trata também de um dever do coração. Contudo, se a tarefa me é grata ao espírito, não deixa de ser extremamente difícil, tão rica era a personalidade rara de Laura Ayres. Nos breves minutos desta intervenção, seria completamente impossível fazer justiça a uma vida profissional tão cheia e tão profícua como foi a sua. Limitar-me-ei, por isso, a alguns aspectos mais salientes da sua personalidade e da sua acção na direcção do Instituto.

A fim de dar uma ideia do tipo de relacionamento que me ligava a Laura Ayres, começarei por citar algumas palavras da própria, retiradas do seu currículo de 1985, e que poderiam, "*mutatis mutandis*", ter sido escritas por mim:

"Voltei a fazer parte da Direcção do Instituto Nacional de Saúde, como Subdirectora, em Agosto de 1983, por convite e proposta de ALOÍSIO COELHO que, em Junho desse mesmo ano, tomara posse do lugar de Director.

Aceitei o convite com prazer. Tendo estado ligada ao Instituto Ricardo Jorge, praticamente durante toda a minha vida profissional, natural seria aspirar a um lugar à cabeça dos seus destinos. Por outro lado, agradava-me trabalhar com ALOÍSIO COELHO a quem me liga uma profunda amizade e com quem partilho os mesmos conceitos sobre Saúde e Formação que, desde sempre, têm norteado a nossa actividade no Instituto Nacional de Saúde e na Escola Nacional de Saúde Pública. Estava certa de que, juntos, num esforço conjugado de duas personalidades, a meu ver complementares, constituiríamos uma equipa com boas possibilidades de levar a bom termo a tarefa de aumentar o prestígio de uma Instituição, como o INSA, com um lugar proeminente no meio científico português."

Este trecho, que, como digo, poderia ser subscrito por mim próprio em relação à Autora, permite compreender o espírito de total consonância e entendimento em que assentou o nosso trabalho na direcção do Instituto.

* Director do INSA

Ao longo dos anos em que, como Director, tive a sua colaboração, sempre encontrei em Laura Ayres uma total dedicação aos interesses da Instituição, que punha acima de tudo; uma constante disponibilidade, fossem quais fossem as tarefas a realizar; conselho sempre útil e sensato; espírito imaginativo e despido de preconceitos; aguda clarividência de espírito; grande capacidade executiva – ela própria referia, em muitas ocasiões, o seu gosto de organizar e de gerir; uma enorme clareza e arrumação de ideias – eram famosos os esquemas que desenhava no quadro para clarificar situações; e uma enorme e particular aptidão para a resolução dos problemas humanos – o que conseguia graças à grande empatia que normalmente estabelecia com as pessoas.

A sua energia, que, até aos últimos tempos, parecia inesgotável, a sua enorme capacidade de trabalho, o seu espírito sempre alerta e o seu entusiasmo e constante empenhamento nas causas da saúde, aliados à sua competência profissional e às suas invulgares qualidades de inteligência, de firmeza de carácter, de frontalidade, de lealdade, e mesmo, quando necessário, de coragem cívica, tinham forçosamente que redundar num exercício profissional brilhante – embora, em alguns casos, determinassem, como se compreende, despeitos e más vontades.

Por este conjunto de atributos, Laura Ayres foi uma colaboradora preciosa na direcção do Instituto. Mas, além das tarefas da direcção, e da direcção do Laboratório de Virologia, que lhe ocupavam grande parte do seu tempo, Laura Ayres dirigia ainda, no Instituto, o Centro Nacional da Gripe – que, desde há muitos anos, presta relevantes serviços ao País –, e, ainda, dois centros de estudos – o Centro de Estudos e Registo de Malformações e o Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis. Quer um, quer outro, foram estruturas pioneiras no País, que se desen-

volveram graças ao seu permanente entusiasmo e interesse. O segundo, o CVEDT, embora com grande carência de meios, tem vindo a desempenhar um papel crucial no conhecimento da epidemia de SIDA no País, tendo-se tornado instrumento indispensável para a luta contra esta doença.

Conforme irá ser referido pelos outros oradores, Laura Ayres desenvolveu, desde os seus primeiros tempos no Instituto – e, sobretudo, a partir de 1971, graças às condições de trabalho que lhe proporcionou o grande reformador do Instituto, Prof. Gonçalves Ferreira –, uma notável actividade científica, não apenas no campo das doenças infecciosas e, em particular, da virologia – áreas em que era uma das primeiras autoridades no País – mas também, sobretudo nos últimos anos, no domínio das políticas de saúde e da chamada investigação de serviços de saúde. Constam da sua bibliografia muitas dezenas de trabalhos, atestando o peso e importância das suas contribuições.

Devido à sua competência científica e profissional, o seu prestígio viria a ultrapassar fronteiras e a atingir grande relevo a nível internacional.

Desde há cerca de 15 anos começou a ser solicitada pela Organização Mundial de Saúde para participar em múltiplas actividades, que vieram a culminar na organização e presidência da Conferência Europeia Sobre a SIDA, realizada em Lisboa, em 1990.

Mas, a nível internacional, a actuação de Laura Ayres que mais prestígio terá trazido ao País, terá sido a sua participação nos trabalhos relacionados com o Programa de Investigação Médica e de Saúde da Comunidade Europeia. Designada, desde 1986 – data da nossa adesão à Comunidade – como Delegada Nacional a duas das estruturas de gestão daquele Programa – o Grupo de Trabalho da Investigação da SIDA e o COMAC (Comité de Acções Concertadas) da Investigação de Serviços de Saúde –, a sua acção neste último viria a ser

de tal modo apreciada, que veio a determinar a sua eleição para a respectiva presidência, em 1988, tendo exercido com o maior brilho este cargo até à data em que foi acometida da doença que a levou à morte.

Tendo acompanhado de perto a sua actuação nos meios internacionais, que muitas vezes presenciei pessoalmente, posso testemunhar o sentimento de orgulho com que assistíamos ao brilho das suas intervenções, que geralmente cativavam os auditórios, não só pela sua forte presença e pela solidez de argumentação, mas também pela fina inteligência e espírito de humor que sempre temperavam as suas intervenções e que estavam na base do seu grande poder de comunicação.

Conforme disse de início, é extremamente difícil, no espaço de poucos minutos, abarcar o que foi a vida científica e profissional de Laura Ayres, mesmo no aspecto limitado das actividades ligadas ao Instituto. Para melhor se conhecerem tais actividades, a todos os interessados aconselho vivamente a leitura do "*Curriculum Vitae*" que ela própria elaborou em 1985, aquando do seu concurso para Professora Catedrática da Escola Nacional de Saúde Pública. Quer do ponto de vista histórico e documental, quer mesmo do ponto de vista literário, trata-se de uma obra interessantíssima, que, aliás, tencionamos dar à estampa num dos próximos volumes dos Arquivos do Instituto Nacional de Saúde, a fim de lhe dar maior divulgação.

Da leitura deste currículo, fica-nos a noção bem clara da qualidade rara da personalidade superior que o animou.

Para todos quantos tiveram o privilégio de com ela conviver e de conhecer a obra que realizou, fica, para além da saudade, a grandeza do seu exemplo, que lhe assegurará um lugar de destaque na história da Saúde Pública em Portugal.

Homenagem dos Colaboradores Directos do Laboratório de Virologia do INSA

*Maria Irene Pires Nunes**

*Senhor Secretário de Estado
Senhor Director-Geral dos Cuidados de
Saúde Primários
Senhor Director
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Caros Colegas e Amigos*

Em nome do Laboratório de Virologia cumpre-me agradecer a todos os presentes terem vindo associar-se a nós, nesta homenagem póstuma à Prof. Laura Ayres.

Um agradecimento muito especial ao Senhor Director por ter anuído em transferir esta sessão para hoje, sessão que planeava para o dia do INSA, a realizar posteriormente.

Há mais de um ano que os colaboradores da Prof. Laura Ayres, ou melhor dizendo da Dr. Laura Ayres, como afectuosamente lhe chamavam, planeavam uma festa para esta data.

Seria, como pensávamos então, uma reunião mista de alegria e de tristeza pois alegrar-nos-ia senti-la connosco, embora o facto de se festejarem os seus 70 anos nos pusesse perante a triste realidade de a vermos afastar-se do serviço por força da Lei.

Mas Lei é Lei e, implacavelmente, não abre excepções mesmo para aqueles que muito poderiam continuar a dar às instituições às quais dedicaram os melhores e mais produtivos anos das suas vidas.

O meu relacionamento com a Dr. Laura Ayres vem de 1956 após o seu regresso de Londres, onde permanecera durante dois anos como bolsista do British Council e eu, já, no Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge, começara a treinar técnicas virológicas, sob a orientação do Prof. Arnaldo Sampaio, nessa altura Director do Centro Nacional da Gripe.

Iniciou-se assim a nossa vida profissional na praticamente inexistente secção de virologia do Laboratório de Bacteriologia Sanitária do referido Instituto.

Só por curiosidade refiro que as instalações de que ali dispunhamos eram uma varanda fechada e uma cozinha situadas no primeiro andar.

Apoiada e incentivada pelo Prof. Arnaldo Sampaio, conseguiu a Dra. Laura Ayres à custa do seu peculiar dinamismo, entusiasmo e grande determinação superar as enormes dificuldades que se lhe deparavam, tendo em mente a criação de um verdadeiro Laboratório de Virologia.

Como prova desse seu esforço, refiro os estudos iniciados em 1956, sobre o agente de tracoma, considerado na altura como

* Investigador Auxiliar, Laboratório de Virologia do INSA

vírus, o trabalho realizado em 1957 e em 1967 com as grandes epidemias de gripe que eclodiram em Portugal naqueles anos. Daquela época são também os inquéritos serológicos realizados em 8 distritos do continente, alargados às populações da Madeira e Açores, com vista ao conhecimento da história natural da poliomielite, estudos esses de grande interesse em saúde pública por terem podido fornecer aos serviços de saúde os dados necessários à política de vacinação que se desejava instituir no País.

A colaboração que obteve dos elementos do Centro da Gripe, nomeadamente da Dra. Maria Virgínia Figueiredo, de outros Laboratórios do Instituto e da Direcção Geral de Saúde foram fundamentais para a realização de trabalhos daquela envergadura processados em tempo de grandes carências em termos de recursos humanos e equipamento.

A rubéola passou também a constituir para a Dra. Laura Ayres uma grande preocupação. O desconhecimento total, entre nós, no que dizia respeito à susceptibilidade à doença na população feminina e ao número de malformações congénitas originadas por este vírus, levou-a a iniciar em 1968 os primeiros estudos que se realizaram no país, prosseguidos em melhores condições quando, em 1973, nos mudámos para as instalações do Instituto Nacional de Saúde, criado pelo Decreto-Lei 413/71, da responsabilidade do Prof. Gonçalves Ferreira, a exercer nessa altura as funções de Secretário de Estado da Saúde.

Nestas circunstâncias, pôde a Dra. Laura Ayres passar a dispor de um Serviço de Virologia com instalações condignas e adequadas ao desenvolvimento dos sectores existentes e iniciar novos estudos criando os sectores que faltavam.

Assim tornou extensivo o estudo das malformações, iniciado como dissemos em 1968, a outras infecções, conjuntamente com os Laboratórios de Bacteriologia e de Parasitologia do INSA.

O registo de malformações foi, também, da sua responsabilidade, assim como a criação do Centro de Vigilância de Doenças Transmissíveis, no qual pôs um grande empenho pessoal.

Igualmente à Dra. Laura Ayres se fica a dever a implementação do diagnóstico da rubéola, nos Laboratórios de Saúde Pública. Estes são exemplos do muito trabalho desenvolvido pela Dra. Laura Ayres que se, até então, muito fez, muito mais passou a realizar desde que, em 1985, foi criado o grupo de trabalho da SIDA, do qual era coordenadora, e quando 2 anos depois, se cria o Laboratório de Referência, integrado no Serviço de Virologia.

A sua actividade nesta área é demasiado conhecida de todos dispensado palavras, mas foi, na realidade, uma tarefa muito pesada.

Quem conviveu de perto com a Dra. Laura Ayres, pôde avaliar como cumpria essa tarefa e como estava sempre tão pronta a colaborar em tudo para que era solicitada.

O não saber dizer "não" era uma das suas características pessoais. No entanto, só nós avaliávamos em que condições o fazia.

Há muito que a sua doença nos preocupava, mas o seu estoicismo, profissionalismo e energia física - causando inveja a jovens e a menos jovens - conseguiram superar a falta de saúde.

Não raras vezes deixou a Dra. Laura Ayres transparecer o seu contentamento por ter conseguido, ao longo destes anos, criar o Serviço de Virologia que, por sua vez, sempre se orgulhou da Investigadora que o dirigiu durante 36 anos.

Possuidora de grande inteligência, lutadora e optimista por natureza, sabia incutir e incentivar interesse pelo trabalho, dando ela própria o exemplo.

O seu "charme" pessoal e a marcada personalidade de que era dotada muito contribuíram para a plêiade de amigos e admiradores que possuía entre nós e mesmo a nível internacional.

As manifestações de pesar recebidas, quer de individualidade portuguesas quer de estrangeiras, são provas disto mesmo.

A Dra. Laura Ayres deixou-nos mas a sua presença manifesta-se pelo constante lembrar da sua pessoa.

Estamos certos de que todos os que tiveram o privilégio de serem seus colaboradores saberão transmitir aos vindouros o muito que com ela aprenderam.

A esta notável Investigadora e também grande Senhora, o nosso muito obrigado.

Depoimento do Director-Geral dos Cuidados de Saúde Primários

*José Bandeira Costa**

Por amável e honroso convite do Sr. Professor Aloíso Coelho irei falar, nesta sessão de homenagem à Prof^a Laura Ayres. Para prestar o meu depoimento relativamente a alguns aspectos das suas actividades como docente da Escola Nacional de Saúde Pública e como coordenadora do grupo de trabalho da SIDA e da Comissão Nacional de Luta Contra a SIDA.

Foi em 1958, logo após a ter concluído a licenciatura em Medicina – já passaram 34 anos – quando frequentei o curso de Medicina Sanitária do antigo Instituto Superior de Higiene, que tive a ocasião de, pela primeira vez, ver e ouvir a Dra^a Laura Ayres, na altura assistente da cadeira regida por uma das mais distintas e insígnas figuras das Ciências da Saúde no nosso país, o Prof. Arnaldo Sampaio.

A minha primeira impressão, aliás comum aos meus colegas desse curso de pós-graduação, foi de extremo agrado por termos aulas com uma senhora de invulgar beleza, facto que aumenta a atenção com que se segue a exposição do docente.

Mas, logo nessa primeira aula e mais ainda nas que se seguiram, a nossa atenção redobrou, quando notamos que, para além da sua inegável beleza física, a Dra. Laura era uma excelente pedagoga. Expunha com grande elegância e facilidade de expressão, procurava e conseguia quase sempre explicar certas matérias por natureza fastidiosas, imprimia à sua exposição uma ordem lógica e coerente e, característica ainda mais marcante e louvável, procurava e conseguia, por meio de exemplos da patologia infecciosa vírica, demonstrar que a compreensão da etiopatogenia era essencial no estudo global da história natural das doenças.

Já nessa altura a Dra. Laura era, essencialmente, uma epidemiologista inata.

Procurava ainda, o que era relativamente raro entre os docentes dessa época, estabelecer diálogo com os discentes, fomentar e permitir perguntas e esclarecer as dúvidas levantadas, com a naturalidade que é própria daqueles que possuem uma preparação profunda das matérias.

Os anos passaram, continuei a ter alguns contactos ocasionais com a Dra. Laura, devido às funções que passei a exercer nos serviços de saúde e recordo que sempre me atendia com a maior afabilidade. Em 1968 fui convidado para exercer as funções de assistente da cadeira de epidemiologia,

* Director-Geral dos Cuidados de Saúde Primários

quando se constituiu a Escola Nacional de Saúde Pública e Medicina Tropical e, por coincidência, que bastante estimei, tomei posse em conjunto com a Dra. Laura, perante uma notável figura de medicina tropical, o Prof. Dr. Francisco Cambournac, na altura Director da Escola.

Quer nesta escola de existência efémera, quer na Escola Nacional de Saúde Pública tive ocasião, em muitos anos lectivos, e para Cursos de Saúde Pública, de orientar aulas em conjunto com a Dra. Laura Ayres e foi sempre com extremo agrado que nelas participei, em especial pelo elevado nível didáctico que ela continuava a imprimir às suas actividades pedagógicas.

Foi nessa altura que se estabeleceram entre nós laços de amizade, de estima mútua, que se foram consolidando ao longo do tempo.

A Prof^a Laura Ayres continuou a sua brilhante carreira académica na Escola Nacional de Saúde Pública, que veio a culminar em 1986 com a sua nomeação, após concurso, para professora catedrática. Ensinou centenas de médicos que frequentaram os cursos de Saúde Pública e sempre lhes ouvi as melhores referências relativamente às suas excelentes qualidades didácticas.

Há ainda que realçar o grande interesse e dedicação com que trabalhou noutros aspectos da vida académica, intervindo activamente e com frequência na organização e desenvolvimento da Escola Nacional de Saúde Pública, dando um contributo apreciável para o prestígio que esta instituição actualmente possui, a nível nacional e até internacional.

Em 1985, face ao aumento inquietante dos casos de Sida em alguns países e da elevadíssima taxa de letalidade desta doença, foi decidido criar um Grupo de Trabalho da Sida, constituído por representantes de vários organismos do Ministério da Saúde, entre os quais o Instituto Nacional de Saúde, com funções de coordenação, com o objectivo de estudar as principais linhas de orientação na prevenção e luta contra esta afecção e de propor superiormente as medi-

das a implementar com esta finalidade. Foi a Prof^a Laura Ayres nomeada como coordenadora do grupo, funções que continuou a exercer quando da transformação do grupo de trabalho em Comissão Nacional de Luta Contra a Sida.

Tive a honra de a acompanhar, desde o início, naquele ano dos trabalhos do grupo, como representante da D.G.C.S.P., e é nessa qualidade que vou prestar o meu depoimento.

Com base nas muitas dezenas de reuniões periódicas e extraordinárias em que participei, nos inúmeros contactos informais que mantive com a Dra. Laura, quer em presença física quer por via telefónica, posso afirmar que não conheço ninguém que se tenha dedicado tanto e tão bem a uma tarefa específica. Ela deu-se inteiramente, de alma e coração, se me é permitida esta expressão, à organização entre nós da prevenção e luta contra a Sida.

Os portugueses foram progressivamente conhecendo a Professora Laura Ayres, através dos meios de comunicação social, em especial da televisão, onde teve intervenções brilhantes e de grande valor no esclarecimento da população sobre as formas de evitar a Sida e ela passou a ser, nos últimos anos, uma personalidade nacional, simbolizando e personalizando a luta contra esta terrível afecção do nosso País.

Mas não foi só em Portugal que a Prof^a Laura Ayres trabalhou tão intensamente e se impôs naturalmente, também em múltiplas reuniões internacionais sobre a Sida em que participou activamente, quer como representante do nosso Ministério da Saúde, quer a título pessoal por honroso convite, a Prof^a Laura Ayres granjeou a consideração e o respeito dos seus pares, pelos conhecimentos profundos que demonstrou relativamente à história natural da Sida, em valiosas intervenções que, em algumas ocasiões, chegaram mesmo a ser fortemente aplaudidas, o que não é vulgar em reuniões deste cariz.

Quando procurava alinhar este meu testemunho, necessariamente curto pelo tempo máximo de exposição que me foi sugerido, tive a ideia de procurar cotejar as principais características da história natural da Sida e as da formação e personalidade da Prof^a Laura, na tentativa de compreender e melhor expor quais as razões que motivaram a sua dádiva completa, total, na luta contra a Sida.

1º O AGENTE DESTA SÍNDROME É UM VÍRUS – A Prof^a Laura era um dos mais competentes virologistas portugueses, com trabalhos de valor em relação a certas doenças por vírus, entre as quais me permito destacar a poliomielite, a gripe e a rubéola, designadamente a síndrome da rubéola congénita.

2º A EPIDEMIOLOGIA DA SIDA É COMPLICADA E COM ASPECTOS AINDA HOJE OBSCUROS – A Prof^a Laura tinha uma sólida preparação em epidemiologia e gostava imenso de tudo o que fossem estudos epidemiológicos.

3º A SIDA NÃO TEM AINDA TRATAMENTO ESPECÍFICO – Só existe para algumas das suas complicações e a prevenção primária continua a ser a grande e única arma de valor na luta contra esta doença - a Prof^a Laura era, fundamentalmente, uma médica de saúde pública, desde sempre interessadíssima em tudo o que se relacionasse com metodologias adequadas para actuar no sector das chamadas "doenças evitáveis".

4º A SIDA TEM FORTE CORRELAÇÃO COM DETERMINADOS ESTILOS DE VIDA OU COMPORTAMENTOS SOCIAIS – Como são por exemplo a homossexualidade e a toxicod dependência por via endovenosa – a Prof^a Laura sempre se interessou pelas ciências sociais e do comportamento e, mais do que isso, era uma mulher de grande formação humanística, com enorme dedicação pelos seus semelhantes.

A este respeito posso testemunhar que a Prof^a Laura recebia todas as pessoas que a procuravam - e foram muitas - solicitando o seu conselho para problemas pessoais relacionados com a Sida. Por outro lado, desenvolveu uma intensíssima actividade, por todo o País, de formação dos profissionais da saúde e de acções de esclarecimento das populações sobre como evitar a Sida. Por várias vezes que eu, conhecedor da sua tremenda actividade durante estes últimos seis anos - lhe chamei a atenção para a necessidade de repousar uns dias. De "não ir a todas", de saber dizer não algumas vezes, relativamente aos inúmeros convites que lhe faziam, desde reuniões científicas de alguma importância até pequenas sessões de informação, de educação para a saúde, em modestas vilas e aldeias do nosso Portugal, a Prof^a Laura respondia-me sempre que não podia desamparar as pessoas que pediam o seu auxílio, a sua palavra esclarecedora, que era incapaz de dizer não.

Alguns meios de comunicação social difundiram o boato que a Prof^a Laura teria falecido com Sida, o que todos sabemos que não corresponde à verdade.

Estou, porém, convencido que a Sida foi a causa principal, se bem que indirecta, do seu desaparecimento prematuro, devido ao tremendo desgaste físico e psíquico que suportou, originado pela forma como trabalhou na prevenção e luta contra a Sida – dedicação total até à exaustão.

Senhor Secretário de Estado da Saúde:

Quis V. Exa^o, em representação do Senhor Ministro da Saúde, honrar com a sua presença, a figura da Sra. Prof^a Laura Ayres. Nesta sessão de homenagem, efectuada precisamente no dia em que passaria à situação de jubilada e de aposentada, por completar 70 anos de idade.

Como amigo e admirador da Prof^a Laura e tendo a certeza que represento o pensamento de tantos outros amigos e admi-

radores aqui presentes, desejo transmitir-lhe a nossa satisfação, os nossos agradecimentos por este facto, que vem realçar publicamente a forma exemplar como trabalhou a Prof.^a Laura.

A respeito das relações da Prof.^a Laura, como coordenadora do grupo de trabalho da Sida e da Comissão Nacional de Luta Contra a Sida, com o Sr. Dr. Arlindo de Carvalho e com a sua antecessora, Sra.^a Dr.^a Maria Leonor Beleza, posso também testemunhar que a Prof.^a Laura sempre afirmou que teve a maior compreensão e apoio total por parte dos Ministros da Saúde com quem trabalhou directamente.

Finalmente, não desejo terminar sem expressar a minha admiração e a maior simpatia pessoal pelo Sr. Dr. Roza de Oliveira, não só na sua qualidade de Marido e grande amigo da Prof.^a Laura mas também porque – poucas pessoas o sabem – lhe prestou um valioso apoio pessoal e até técnico-científico no cumprimento das suas tarefas na prevenção e luta contra a Sida.

O nome da Sra. Prof.^a Laura Guilhermina Martins Ayres, será sempre recordado por aqueles que, no futuro, se dedicarem ao estudo da evolução da Sida em Portugal e no presente continuará bem viva a sua recordação na memória daqueles que, como eu, tiveram o privilégio de trabalharem com ela e de serem seus amigos.

Palavras de Sua Excelência o Secretário de Estado da Saúde*

José Martins Nunes

Senhor Director-Geral dos Cuidados de Saúde Primário

Senhor Director do Instituto Nacional de Saúde

*Senhor Director do Laboratório de Virologia
Minhas Senhoras e meus Senhores*

A carreira académica de Laura Ayres levou-a ao mais alto grau universitário: Professora Catedrática. Desde muito cedo que se dedicou à saúde pública, particularmente como brilhante virologista, tendo trabalhado e estagiado nos mais prestigiados laboratórios estrangeiros.

Conhecedora das ambições da política de saúde do governo português criou, com a sua enorme capacidade de realização, o Centro Nacional da Gripe, permitindo conhecer permanentemente esta realidade, identificando as estirpes e as características de cada epidemia, que entre nós anualmente ocorria. Ajudou a criar, e a desenvolver, o Laboratório da Gripe do Instituto Nacional de Saúde, introduzindo novas técnicas. Portugal é hoje autónomo neste domínio, não necessitando do estrangeiro para poder conhecer as características das suas epidemias de gripe.

A Professora Laura Ayres ajudou a criar e a mobilizar vontades, com vista ao desenvolvimento do Registo de Malformações Congénitas. Portugal colabora desde 1978 com o Programa EUROCAT, por convite, antecipando assim a participação portuguesa na Comunidade Europeia.

A Professora Laura Ayres conhecia o peso que a morbidade e a mortalidade por doenças transmissíveis tinham em Portugal, comparativamente a outros países europeus, e o esforço que o Ministério da Saúde tem vindo a desenvolver, estando consciente da importância que os novos agentes, em geral virais, viriam a ter num futuro próximo.

Laura Ayres foi directora do Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis, estrutura criada no âmbito desta instituição, a qual permite poder conhecer e conviver com dados nacionais correctos nesta patologia e compará-los com os dos outros países.

Quando o Ministério da Saúde criou o Grupo de Trabalho da Sida, que originaria posteriormente a Comissão Nacional de Luta contra a Sida, Laura Ayres foi, por direito próprio, a "leader" natural do Grupo.

A criação do Laboratório de Referência da Sida no Instituto Nacional de Saúde, sob a orientação de Laura Ayres, permitiu oferecer à comunidade nacional um serviço de quali-

* Transcrição do registo magnético das palavras proferidas por Sua Excelência, o Secretário de Estado da Saúde

dade, aos profissionais de saúde um instrumento fundamental e participar, a nível mundial, em estudos e projectos científicos de relevo.

Laura Ayres esteve sempre presente.

A grande diferença entre políticas de saúde modernas e actuais e políticas de saúde de subsistência reside na capacidade da saúde pública e nos programas que impulsionam as estruturas da saúde.

Portugal decidiu pelo caminho da modernidade e são disso prova os programas já implementados, e aqueles que neste momento estamos a implementar. O programa de luta contra a Sida simboliza bem a resposta oportuna a este flagelo do fim do século, a que Laura Ayres esteve ligada, até ao fim da sua vida.

O Ministério da Saúde tem, nos últimos seis anos, dado passos importantes na área da saúde pública, na educação e na promoção da saúde. O Instituto Nacional de Saúde, a que Laura Ayres pertencia, referencia um conjunto de iniciativas que, pela sua importância, ajudaram a conceptualizar o princípio da qualidade.

Laura Ayres foi sempre uma acérrima defensora do rigor, da qualidade e, como portuguesa, da projecção internacional do nosso país.

Nesta homenagem à Mulher, Investigadora e Médica de vasta e diversificada cultura, eu presto homenagem a todos quantos pela humildade da sua conduta, na dedicação ao trabalho e na dignidade do seu carácter, ajudaram Portugal a subir os degraus da Europa e a modernização do País.

Homenagear Laura Ayres é tê-la na nossa memória, durante os momentos de dificuldade, que tão bem sabia ultrapassar.

Muito Obrigado.

Curriculum Vitae da Professora Laura Ayres*

Em Dezembro de 1982 escrevi um Curriculum Vitae com o qual me apresentei a concurso para um lugar de Professor Associado da Cadeira de Microbiologia Sanitária, da Escola Nacional de Saúde Pública.

Nele, indiquei os elementos curriculares, ordenados da maneira que me pareceu mais lógica, e suficientemente pormenorizada para que cada tarefa pudesse ser facilmente analisada, na sua importância e em termos dos seus objectivos, da sua duração e da minha própria intervenção. A listagem das actividades foi precedida de uma Introdução, em que dei conta das várias fases e dos vários campos de acção em que se desenrolou a minha carreira profissional, iniciada em Novembro de 1946, quando me licenciei em Medicina pela Universidade de Lisboa.

Tentei pôr em destaque as influências que a tinham feito infletir de uma carreira hospitalar que, perdoe-se-me a imodéstia, tinha a marca do sucesso, para uma carreira de Laboratório, na área especializada da Virologia, no campo da Saúde Pública.

Esta viragem, considero-a importante e boa, mas não enjeito a fase hospitalar da minha carreira. Nessa altura, aprendi o gosto pelo estudo crítico, aprofundado, dos problemas médicos; ela permitiu que cedo eu me apercebesse de que a Saúde não é apenas prevenção mas um todo em que as medidas preventivas e curativas se devem associar e não degladiarem-se, erro que foi frequente em determinada fase da história da Saúde Pública, tentando uma parte do todo ter a supremacia sobre a outra.

A viragem para a Saúde Pública foi o resultado, talvez, de uma tendência própria, genética (?), de quem gosta mais do colectivo do que do individual; seguramente, da influência de duas personalidades brilhantes, José Cutileiro e Arnaldo Sampaio, do Centro de Saúde de Lisboa e do Instituto Ricardo Jorge, instituições onde estagiei no início da minha carreira.

Só mais tarde conheci Gonçalves Ferreira, mas se, em termos pessoais, as nossas relações levaram tempo a estabelecer-se e desenvolver-se, o certo é que a sua personalidade científica teve, desde logo, um grande impacto sobre mim; e mesmo quando não aceitava pacificamente as suas decisões como Director do Instituto – e algumas foram – aceitei sempre a sua visão dos problemas da Saúde e sempre me impressionou o exemplo de trabalho e de coerência que nos dava.

Em termos da carreira laboratorial, no Instituto Superior de Higiene, mais tarde Instituto Nacional de Saúde, o meu mérito consistiu em criar, organizar e desenvolver um Laboratório de Virologia que se tem imposto no, ainda que modesto, meio científico português.

A concretização desta tarefa devo-a, fundamentalmente, ao Prof. Arnaldo Sampaio, responsável pelo Laboratório de Bacteriologia Sanitária do Instituto Ricardo Jorge e director do Centro Nacional da Gripe – embrião a partir do qual se desenvolveu o Laboratório de Virologia – que me apoiou na obtenção de uma Bolsa de estudo para trabalhar em Londres, que me convidou para montar o Laboratório, após o meu regresso de Inglaterra, e que me estimulou, com os

* Excerpto

seus conselhos e a sua excepcional amizade, para que eu levasse a tarefa a bom termo.

Devo-a também ao grupo de colaboradores – técnicos superiores, paramédicos e auxiliares – que, ao longo dos anos, têm ingressado no Laboratório, ao qual têm dado o seu saber, a sua competência e o seu trabalho.

No que se refere à Investigação, a minha carreira não é extensa nem de grande valor se a tomarmos apenas no aspecto da publicação de trabalhos científicos. Iniciei e desenvolvi a minha actividade profissional como virologista no Instituto Superior de Higiene que tinha, então, funções mais de apoio à comunidade do que de investigação. Nos primeiros anos da minha carreira no Instituto, realizei muitos estudos sobre Doenças Transmissíveis, uma das áreas então, como ainda agora, prioritariamente privilegiadas; se não publiquei muitos dos seus resultados deve-se a que, nessa época, eu estava especialmente pressionada pela necessidade de desenvolver o Laboratório de Virologia e de o creditar junto dos Serviços Hospitalares, que iriam fornecer o material necessário para os nossos estudos e que olhavam a Virologia como algo inacessível, a que poucas vezes recorriam.

Mais tarde, com a criação do Instituto Nacional de Saúde, que passou a ter como finalidades coordenar as actividades de investigação no sector da saúde e efectuar, promover, estimular e realizar estudos e trabalhos, bem assente já o Laboratório de Virologia, com outras condições físicas que não as do velho edifício do Campo de Santana, temos vindo a produzir e a publicar trabalhos de índole epidemiológica, importantes para o conhecimento da situação portuguesa no que se refere a doenças transmissíveis, de origem viral.

Destaco, nos últimos anos, os estudos sobre malformações congénitas, por infecções, que venho realizando desde há

muito e a orientação e organização de um Inquérito Serológico, de nível nacional, em que participaram os Laboratórios de Bacteriologia, Virologia e Imunologia do Instituto Nacional de Saúde e de que fui coordenadora.

Este trabalho, galardoado em 1983 com o Prémio Ricardo Jorge de Saúde Pública, permitiu traçar o perfil de 19 infecções que são importantes problemas de Saúde Pública no País e constitui uma peça fundamental como base de outros estudos complementares sobre as mesmas infecções.

Os estudos sobre malformações congénitas por infecções, feitos também em colaboração com outros Laboratórios do Instituto, têm permitido esclarecer muitos pontos ainda obscuros da epidemiologia destas situações. Está na fase final da sua execução e tencionamos apresentá-lo ao Prémio Ricardo Jorge, ainda este ano.

Penso, no entanto, que a função do investigador não deve limitar-se à produção de estudos e trabalhos. Assim, a esta actividade de investigação aplicada, junto outras, que reputo importantes, e que, sem dúvida, contribuíram para o desenvolvimento da investigação, no Instituto, e são, entre outras,

– a organização do Laboratório de Virologia, há 25 anos uma pequena unidade, hoje um dos melhores laboratórios portugueses de virologia clínica e epidemiológica, com várias secções diferenciadas;

– o estabelecimento das linhas de investigação do Laboratório;

– a planificação e coordenação de trabalhos de investigação;

– a formação dos técnicos do serviço;

– a difusão de conhecimentos, em Serviços Hospitalares e outros;

– a participação em Reuniões Científicas e Seminários, no País e no estrangeiro.

Na área do Ensino, creio que o meu maior mérito tenha sido o de sempre ter privilegiado a formação mais que a informação e ter estimulado os meus alunos – quer a nível de

pré como de pós-graduação – a fazerem uma aprendizagem activa recorrendo a trabalhos, na maior parte das vezes, de grupo, seminários e discussões.

Não é tarefa fácil. Por um lado, é necessário encontrar um justo equilíbrio entre as actividades de ensino, ditas clássicas, e as de uma aprendizagem activa que caracteriza, fundamentalmente, a moderna metodologia do ensino. Por outro lado, os alunos, habituados que têm sido à aula magistral e ao recurso a apontamentos, próprios ou de outrém, nem sempre reagem bem às técnicas que fazem apelo à sua participação activa na aquisição de conhecimentos e capacidades.

As áreas em que exerço a minha actividade não mudaram neste últimos três anos, não mudou, tão pouco a minha orientação quanto à problemática da Saúde e ao tipo de investigação que o Laboratório de Virologia do Instituto deve realizar, não mudaram os conceitos sobre o ensino/aprendizagem que desde há muito têm orientado a minha intervenção neste campo.

Assim, ao ter de elaborar um Curriculum Vitae para concorrer a um lugar de Professor Catedrático de Microbiologia Sanitária, da Escola Nacional de Saúde Pública, três hipóteses se me apresentavam para o preparar – ou escrever um Currículo inteiramente novo, diferente do anterior na sua concepção e forma, o que significaria dizer as mesmas coisas por palavras e numa ordem diferentes, ou escrever uma adenda que incluisse, apenas, as actividades desenvolvidas de Dezembro de 1982 até ao momento actual, o que teria o inconveniente de tornar a leitura do Currículo não tão fácil e compreensível como o desejo, ou acrescentar ao texto de 1982, tanto na Introdução como no capítulo dos Elementos Curriculares, na sua altura própria e em continuidade, as tarefas realizadas neste período de quase três anos.

Optei por esta última hipótese.

A obra, como um todo, será, creio, mais conseguida.

Neste período de tempo, – Dezembro de 82 a Agosto de 85 –, nas três áreas em que a minha actividade se tem desenvolvido – a *Gestão* do Laboratório de Virologia, de que continuo responsável, a *Investigação*, em que incluo a organização de Centros de Estudo, e o *Ensino* – o meu papel tem sido, fundamentalmente, de coordenador de trabalhos e de estímulo para os meus colaboradores e outros técnicos, no sentido de procurarmos identificar alguns dos problemas do País, no campo da Saúde, com vista à sua solução, ou de encontrarmos a melhor metodologia para o ensino. Do meu ponto de vista, no campo da investigação, revestem-se de particular importância a coordenação do Inquérito Serológico Nacional, que referi, e a organização de dois Centros de Estudo, de Malformações Congénitas e de Doenças Transmissíveis, de que darei conta adiante, e que certamente contribuirão para o esclarecimento de alguns dos nossos problemas de Saúde; no campo do ensino, são de salientar a prossecução de um número cada vez mais elevado de actividades de formação, tanto na Escola Nacional de Saúde Pública como no Instituto Nacional de Saúde, tanto na área da Microbiologia Sanitária como no da Utilização Correcta do Laboratório. Em todas elas me tenho empenhado na defesa dos princípios de uma aprendizagem activa e de integração de matérias, num ensino predominantemente por objectivos.

Às actividades atrás citadas juntou-se, em Agosto de 1983, a tarefa de Subdirectora do Instituto Nacional de Saúde. Se bem que dois anos seja um período de tempo muito curto para avaliar o nosso trabalho neste campo, penso, no entanto, que o esforço de ambos, Aloísio Coelho e eu própria, com a colaboração dos técnicos licenciados do Instituto, tem-se traduzido em acções relevantes e úteis. Discuti-las-ei, nas suas características e no seu impacto, em páginas adiante.

Do que tem sido a minha actuação nos vários palcos da minha actividade, darei conta nas páginas seguintes, certa, no entanto, de que não conseguirei transmitir plenamente, nem o esforço que tenho dispendido para cumprir bem as tarefas de que tenho sido encarregada, nem o profundo gozo que muitas delas me têm dado.

Laura Guilhermina Martins Ayres
Nascida em Loulé
em 1 de Junho de 1922
Filha de António Joaquim Botelho da Silva
Ayres e de Rosa Martins Peres Gomes
Ayres

PRIMEIROS TEMPOS CARREIRA HOSPITALAR E ACTIVIDADES DE SAUDE PUBLICA

1. Obtive a *LICENCIATURA* em Medicina, pela Universidade de Lisboa, em Novembro de 1946, com a classificação de 17 valores (bom, com distinção).

2. No ano que se seguiu à formatura fiz um *ESTÁGIO LIVRE* no Serviço de Clínica Médica do Hospital Escolar de Lisboa, então Hospital de Santa Marta, dirigido pelo Professor Francisco PULIDO VALENTE que, por razões políticas, viria a ser afastado do exercício profissional em Junho de 1947.

PULIDO VALENTE era um professor de excepção, simultaneamente temido e respeitado, de inteligência e cultura invulgares, conversador brilhante, extremamente exigente em relação a si próprio e aos seus colaboradores, entre os quais, embora por poucos meses e recém-formada, eu me encontrava, do que muito me orgulho. Com PULIDO VALENTE e com alguns dos membros da sua equipa aprendi as tarefas difíceis

da colheita de dados e da observação de doentes; com eles adquiri o gosto pelo estudo crítico, aprofundado, dos problemas médicos. Trabalhei particularmente com DUCLA SOARES e com RIBEIRO SANTOS, que voltaria a encontrar, mais tarde, nos Hospitais Cívicos, homem a quem muitos ficaram devendo o estímulo e também as qualidades de trabalho e de espírito de observação que lhes permitiram conquistar postos de relevo na Medicina.

3. Em Abril de 1948 fui admitida, após concurso de provas públicas, ao *INTERNATO GERAL* dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Iniciei, assim, uma carreira hospitalar que viria a terminar em Setembro de 1953, acabado o *INTERNATO COMPLEMENTAR DE MEDICINA* (ao qual fui admitida em 1951, também após concurso de provas públicas), quando parti para Inglaterra para desenvolver nova fase da minha vida profissional de Virologista.

A carreira hospitalar dos Hospitais Cívicos de Lisboa tinha, nessa altura, grandes atractivos. Era difícil, o que conferia a quem nela progredia um justificado prestígio de que todos – e a Instituição – se orgulhavam. Os graus da carreira obtinham-se após concursos de provas públicas, altamente competitivos, em que o número de concorrentes excedia, em muito, o baixo número de vagas existentes. Por outro lado, a carreira abria as portas à clientela rica que todos desejavam e procuravam alcançar.

Tive o privilégio de trabalhar em equipas que, pela categoria dos seus responsáveis e da maioria dos seus elementos, eram consideradas entre as melhores das que integravam o complexo hospitalar dos Hospitais Cívicos de Lisboa - SILVA ARAÚJO na Cirurgia, CARLOS GEORGE, RIBEIRO SANTOS, OLIVEIRA MACHADO e CRISTIANO NINA na Medicina, MÁRIO CONDE e FORTUNATO LEVY no Serviço de Urgência. Homens de inteligência, características e formação muito diversas,

todos eles se igualavam no seu empenhamento no estudo e tratamento dos doentes que lhes eram confiados, no grau de humanidade e relação pessoal com que os tratavam e, também, na ajuda, incentivo e amizade que davam a todos os seus colaboradores, mesmo aos mais jovens. Relembro todos com profunda amizade e respeito.

Trabalhava-se bastante. O tempo completo não existia na lei mas cumpria-se nesses Serviços; a história e a observação dos doentes eram feitas no próprio dia da sua entrada na enfermaria, mesmo que isso significasse trabalho fora das horas normais de serviço; visitava-se também a enfermaria nos dias em que se saía da Urgência.

Os anos de vida hospitalar considero-os entre os melhores da minha vida profissional. A Medicina atravessava, nessa altura, anos 40 e 50, um período de grande fecundidade e de mudanças. A escola anglo-americana sobrepunha-se à alemã, dominante até então. Trabalhava-se e produzia-se muito nos domínios da etiopatogenia, da terapêutica e da profilaxia de algumas situações clínicas de extrema importância, nomeadamente o "shock" e as doenças infecto-contagiosas. Esta evolução reflectia-se, é evidente, na atmosfera dos serviços onde trabalhei e onde contactei com alguns dos espíritos mais brilhantes e mais cultos da classe médica de então.

Não prossegui a carreira até ao seu grau mais elevado mas, perdoe-se-me a imodéstia, penso que teria conseguido alcançá-lo se o tivesse desejado. Por um lado, a Medicina Interna, que me seduzia, iria exigir de mim, que era mulher, uma luta renhida. As médicas optavam, de preferência, pelas especialidades de Pediatria e de Ginecologia e esta opção aceitava-se como a mais lógica. Por outro lado, e facto negativo de grande peso, a carreira hospitalar não permitia, por si só, a sobrevivência económica. Mas a clínica privada não me

seduzia. Não lhe encontrava atractivos em termos de profissão – nem mesmo a hoje tão apregoada relação médico-doente. No entanto, o que mais contou na minha decisão foi o meu interesse crescente pela Virologia e pela Saúde Pública.

4. Durante o Internato Geral e, mais tarde, no Internato Complementar, interessei-me pelo estudo das doenças infecto-contagiosas. Esse pendor vinha-me do tempo da Faculdade, quando frequentei a Cadeira de Bacteriologia ensinada por CÂNDIDO DE OLIVEIRA, sem dúvida um dos professores de então que mais sabia interessar os seus alunos e fazer um ensino vivo e prático.

Assim, pedi – e fui atendida – para trabalhar durante seis meses do Internato Geral no Serviço de Infecto-Contagiosas do Hospital de Curry Cabral. O trabalho naquele Hospital era estimulante – apesar da quase ausência de apoio laboratorial e da escassez de terapêutica específica.

As doenças infecto-contagiosas ainda ocupavam um lugar proeminente em Portugal, tanto em termos de morbidade como de mortalidade. Vinha de longe a tradição do seu estudo; os trabalhos de FERNANDO FONSECA e de OLIVEIRA MACHADO, e das suas equipas, não tinham sido ainda esquecidos.

No Hospital de Curry Cabral conheci JOSÉ CUTILEIRO e, pouco depois, e por seu intermédio, ARNALDO SAMPAIO, recém-chegado dos Estados Unidos da América. Sem dúvida, dois dos mais ilustres homens de Saúde Pública de todos os tempos, no nosso País. Com ambos, aprendi a importância, e o fascínio também, do estudo das doenças infecciosas considerado no triplo aspecto da clínica, da epidemiologia e do laboratório, o que tenho tentado realizar desde então.

5. Durante o período do Internato - e porque o tempo me sobrava – frequentei outros SERVIÇOS NÃO HOSPITALARES, por os considerar importantes para a minha for-

mação. De 1946 a 1950, a Consulta de Pediatria do CENTRO DE SAÚDE DE LISBOA* dirigida por JACOME DELFIM; em 1948 e durante dois meses a ESTÂNCIA SANATORIAL DO CARAMULO, ainda sob a direcção científica de MANUEL TAPIA; de 1948 a 1951, o Serviço de Infecto-Contagiosas do Centro de Saúde de Lisboa onde colaborei em estudos sobre tosse convulsa e difteria; de 1950 a 1953, o Laboratório de Bacteriologia Sanitária do INSTITUTO SUPERIOR DE HIGIENE.

Foi meu primeiro mestre em Microbiologia ADRIANA DE FIGUEIREDO; mais tarde, ARNALDO SAMPAIO, já então no campo da Virologia, no estudo do vírus da gripe. Foi durante este estágio no Instituto Ricardo Jorge que montei um sector de *diagnóstico da tosse convulsa* que serviu de apoio aos trabalhos de investigação epidemiológica sobre aquela doença que realizava, com JOSÉ CUTILEIRO, no Hospital de Curry Cabral e no Centro de Saúde de Lisboa.

6. Entretanto, em Outubro de 1950, tomei posse do lugar de EPIDEMIOLOGISTA DA DELEGAÇÃO DE SAÚDE DE LISBOA, para o qual fui proposta por ALBERTO GOMES, Delegado de Saúde de Lisboa, um homem inteligente e de trato agradável em quem contei um amigo.

A tarefa não me deixou muitas lembranças que seja grato recordar. O regime de trabalho dos médicos na Delegação, não permitia a investigação epidemiológica e a minha formação teórica em Epidemiologia não me permitia suprir, por mim própria, o que me faltava em apoio dos mais experientes.

* Este Centro, situado na Rua da Alameda e hoje desaparecido, foi criado sob os auspícios da Fundação Rockefeller. Foram seus Directores MAIA DE LOUREIRO e JOSÉ CUTILEIRO. Conheceu um período áureo de grande desenvolvimento nas décadas de 40 e 50. Creio que o ficheiro dos seus serviços e outros documentos importantes se perderam ou estão esquecidos em alguma cave ou sótão de qualquer serviço público.

A minha tarefa consistia, fundamentalmente, na verificação e estudo de casos de doenças contagiosas observadas e notificadas pelos clínicos – na sua quase totalidade em portugueses de condição humilde porque dos ricos não rezava, então, a História. Visitei alguns lugares reconditos do País; corri Lisboa de ponta a ponta. Vi varicelas que mais pareciam varíolas; estudei focos epidémicos de febre tifóide e de meningites e de outras situações clínicas de menor importância. Desse período, conservo cópias de alguns relatórios; infelizmente não os tenho de todas as tarefas de que fui incumbida.

Dois trabalhos em que intervim contribuíram profundamente para a minha formação – um estudo que conduzi sobre morbidade na população da Urmeira, um bairro de barracas de madeira junto da Pontinha, cujos resultados não chegaram a ser publicados mas que ainda conservo, e a investigação sobre o caso de intoxicação na CUF, em 1950, que acompanhei de perto, o que me permitiu ver trabalhar JOSÉ CUTILEIRO e a equipa do Ricardo Jorge num dos mais interessantes e bem estudados casos de toxi-infecção alimentar de que a Saúde Pública portuguesa se ocupara até então.

Este caso terminou, vergonhosamente para quem o ordenou, por um processo disciplinar em que foram réus ALBERTO GOMES, FERNANDO DA SILVA CORREIA, ARNALDO SAMPAIO e JOSÉ CUTILEIRO. JOSÉ CUTILEIRO não perdoou a quem amesquinhou o seu saber, a sua competência e a sua dedicação à causa comum. Pediu a demissão do cargo de Director do Centro de Saúde de Lisboa, em 1952 partiu para o Afeganistão como técnico da Organização Mundial de Saúde, voltou ao País em 1954 para sofrer, pouco depois, a morte do filho mais novo e veio a morrer, com pouco mais de 40 anos, em 1955. É com o maior respeito pela sua inteligência, cultura e integridade e com a mais profunda saudade que o re'embro nestas páginas.

7. Prosseguiu, entretanto, o meu trabalho no Instituto Ricardo Jorge. A Virologia começava a interessar-me particularmente e decidi dedicar-me a esse ramo da ciência. Concorri e obtive uma bolsa de estudo do British Council. Fui apoiada no meu pedido pelos técnicos com quem trabalhava mas fui contrariada por A. RIBEIRO QUEIROZ, o Subsecretário de Estado da Assistência Social que presidia, então, aos destinos da Saúde e que só a contragosto me deixou partir. Alguns meses depois, já em Inglaterra, fui exonerada do cargo de Epidemiologista da Delegação de Saúde e colocada como MÉDICA ESPECIALISTA DO DISPENSÁRIO DE HIGIENE SOCIAL DE LISBOA. Esta prepotência – porque de prepotência se tratou – não me fez abandonar o trabalho em Inglaterra embora o ordenado mensal de que eu necessitava, fosse, então, consideravelmente reduzido. O meu trabalho no dispensário, que exerci de Setembro de 1955 a Fevereiro de 1956, consistia em observar mulheres, presas pela polícia em rondas nocturnas, nas manhãs em que a Polícia não dispunha do seu próprio Corpo Clínico. Conheci, nesses meses, pessoas e situações cheias de interesse. Fosse eu escritora ou socióloga, teriam servido para trabalho proveitoso. Pena foi.

8. Parti para Londres em Setembro de 1953 como bolseira do BRITISH COUNCIL, equiparada a bolseira do Instituto para a Alta Cultura.

CARREIRA DE SAÚDE PÚBLICA VIROLOGIA

9. No início da década de 50 a Virologia Médica praticamente não existia em Portugal. Eram poucos os núcleos de trabalho e escassas, em número, as equipas que os integravam, para que eles pudessem constituir centros de diagnóstico ou de investigação capazes de servir o País. Tão-

pouco o regime de trabalho, em tempo parcial, dos elementos desses núcleos permitia o seu maior e mais rápido desenvolvimento. SAMPAIO dirigia o Centro Nacional da Gripe, que tinha criado; no Instituto Português de Oncologia trabalhava a equipa de FERNANDO FONSECA, da qual mais tarde se destacou MANUEL PINTO para o Instituto de Medicina Tropical; só em fins de 50 se constituiria um núcleo no Instituto Câmara Pestana, em que se integrou PLÁCIDO DE SOUSA, hoje em Inglaterra. No Instituto Ricardo Jorge eu começara a colaborar com ARNALDO SAMPAIO no estudo dos vírus da gripe e foi ele quem primeiro me entusiasmou a dedicar-me ao estudo da Virologia e das doenças causadas por vírus.

Por todo o Mundo, estes agentes de doenças eram estudados em extensão e profundidade nas suas propriedades e características de patogenicidade e de antigenicidade, e se procuravam os meios de os combater ou de evitar as suas infecções, através do desenvolvimento de vacinas. Foi um período fértil em desenvolvimento tecnológico, que permitiu não só o isolamento de muitos agentes como também a produção de vacinas, de que é exemplo mais importante a da poliomielite.

10. Em 1953 foi-me concedida, pelo British Council, uma BOLSA DE ESTUDO de dois anos de duração, para fazer, em Londres, um doutoramento em virologia ou, em alternativa, para fazer estágios em Serviços de Virologia de modo a que eu pudesse tornar-me uma especialista na matéria. Optei pela segunda alternativa embora a primeira pudesse ser-me mais útil em termos pessoais, então ou no futuro. Considerei na altura – e ainda hoje estou certa de que a minha decisão foi correcta – que estágios em vários laboratórios ingleses de virologia e a aprendizagem de todas as técnicas, então usadas, poderia contribuir melhor para a minha formação neste domínio e,

assim, preparar-me para, no meu regresso, desenvolver eficazmente em Portugal a Virologia Médica, então incipiente. Os meus "conhecimentos" e o meu "saber fazer", quando parti, não eram ainda, do meu ponto de vista, suficientes para que eu tentasse desde logo o Ph D. O doutoramento poderia fazê-lo mais tarde, já no País.

Em Londres, trabalhei na LONDON SCHOOL OF HYGIENE AND TROPICAL MEDICINE com FORREST FULTON, espírito brilhante, matemático por vocação e um dos mais destacados virologistas da sua época, interessado, particularmente, no estudo do vírus da gripe. Colaborei com ele em vários estudos, nomeadamente sobre o fenómeno de hemaglutinação com o vírus da gripe, e iniciei, também com FULTON, no terceiro período do estágio, um trabalho sobre o vírus da poliomielite que deveria constituir a base de uma tese de doutoramento, e que não prossegui, logo no meu regresso, por me ter sido necessário montar, desde o quase nada, o laboratório de Virologia.

Trabalhei também no CENTRAL PUBLIC HEALTH LABORATORY, em Colindale, com virologistas de nomeada, como GEORGE LE BOUVIER, ALAN GOFFE, McCREA e F. McCALLUM. Em Colindale, frequentei ainda, durante algum tempo, o Departamento de Epidemiologia dirigido por W. COCKBURN que foi, mais tarde, o Director da Divisão de Doenças Transmissíveis da Organização Mundial de Saúde, em Genebra.

Os serviços e laboratórios ingleses eram magníficos centros de aprendizagem, não só pelos recursos materiais de que dispunham mas, fundamentalmente, pela categoria dos investigadores que neles trabalhavam. Eram excelentes locais de aprendizagem tanto em termos de formação como de informação. Assim, o estágio em Londres contribuiu tanto para a aquisição de conhecimentos teóricos e práticos de Virologia como para a minha formação como especialista de doenças transmissíveis, em ter-

mos da sua importância como problemas de Saúde Pública e da via epidemiológica para as estudar. Foram anos estimulantes, de intenso labor, ricos em projectos, por um lado com vista à organização e desenvolvimento de um laboratório de Virologia em Portugal, por outro para a realização de trabalhos sobre doenças virais, no nosso País.

Recusando um convite que me foi feito para ficar em Inglaterra, regressei a Portugal em 1955. Não realizei, ou realizei mais lentamente do que projectara, tudo o que planeei em Londres. Creio, no entanto, que consegui bastante. Criei, organizei e desenvolvi um Serviço. Do que fiz, com a equipa de trabalho que fui ajudando a formar, darei conta nos pontos seguintes.

11. Regressada a Portugal, foi-me oferecido o lugar de VIROLOGISTA DO INSTITUTO SUPERIOR DE HIGIENE DR. RICARDO JORGE, hoje INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DR. RICARDO JORGE, onde tenho feito a minha carreira. Tomei posse do lugar em Fevereiro de 1956.

12. O Instituto de Higiene foi criado em 1899 por RICARDO JORGE. Nessa época, a Saúde Pública tinha como preocupação maior a salubridade e o controlo das grandes pestilências e a organização do Instituto traduzia essa tendência: Com o correr dos anos, os problemas da salubridade urbana foram sendo resolvidos; as pestilências tornavam-se raras; surgiam como principais causas de morte as infecções banais que todos os anos destruíam milhares de vidas. Entrava-se na fase da Medicina Preventiva, em que os estudos epidemiológicos passaram a ter papel preponderante.

O Instituto conheceu então, na década de 50, um período de grande actividade, com ARNALDO SAMPAIO e a sua equipa no estudo das Doenças Transmissíveis e GONÇALVES FERREIRA em trabalhos de

Nutrição. Fizeram-se estudos importantes que contribuíram para o conhecimento de alguns problemas de saúde do País e dos factores da sua manutenção. Criaram-se novos laboratórios, cobrindo áreas até então não estudadas. É nesta época que ingresso no Instituto com o encargo de desenvolver a Virologia Médica, então, já o disse, incipiente. FERNANDO DA SILVA CORREIA era, então, o Director do Instituto. Estou certa de que aqueles que passaram pelo Instituto nas décadas de 40 a 60 - funcionários e estudantes - o recordam com benévola simpatia. Foi um homem simples e afável. No entanto, como Director do Instituto, teve, em minha opinião, um grande defeito - amou apaixonada e acriticamente Ricardo Jorge e a sua obra. De tal modo, que a evolução do Instituto, que se impunha, ele aceitou-a, sim, mas nem sempre sem luta. Talvez a considerasse uma traição à obra do mestre que conhecera e venerava. A evolução do Instituto levou-o a reboque; FERNANDO CORREIA não foi o seu impulsionador.

Anos mais tarde, em 1963, FERNANDO DA SILVA CORREIA foi substituído, por razões de saúde, por BERNARDINO V. DE PINHO, Inspector Superior da Direcção Geral de Saúde. Era um homem inteligente e ambicioso. No entanto, a sua passagem pelo Instituto, de 1963 a 1966, foi, a meu ver, tão incolor quanto efémera. Nenhum de nós no Instituto, nem o próprio Instituto, penso, beneficiou com a sua orientação. Foi propositadamente, disse-me um dia, apenas gestor de assuntos de rotina, banais. Não tomou, que eu saiba, uma única decisão que reforçasse ou anulasse o que existia.

13. Entretanto, uma equipa de homens ilustres da Saúde Pública, em Portugal, ARNALDO SAMPAIO e GONÇALVES FERREIRA à cabeça, começaram a sonhar com uma outra organização de serviços - e um outro Instituto - para o País, que permitisse um conhecimento mais real e actual dos problemas de saúde e uma forma de actu-

ção mais eficaz e poderosa.

Em 1971 é publicada a lei que defendia o direito à Saúde para todos os portugueses e entendia a Saúde Pública, não como a prática de medidas de higiene que muitos, e alguns governantes, teimam em considerar a sua principal função, mas, como a ciência e a arte de criar saúde e de a preservar, num entrelaçar harmónico de medidas preventivas e curativas que, longe de se degladiarem, se devem complementar.

O Instituto Superior de Higiene desaparece; surge o Instituto Nacional de Saúde. Os seus objectivos e finalidades alargaram-se, e de simples órgão dependente da Direcção Geral de Saúde, com funções sanitárias e de diagnóstico de doenças transmissíveis, passou a ser um órgão central do Ministério da Saúde a quem competia a investigação científica em todos os campos da saúde, a coordenação das actividades dos Laboratórios de Saúde Pública, a colheita e o tratamento de dados e ainda, o que o Instituto já vinha fazendo desde o seu início, o ensino de pós-graduação em Saúde Pública.

14. Criaram-se novos Laboratórios e alargaram-se os já existentes. É então que o Laboratório de Virologia adquire autonomia, desligando-se da "tutela" do Laboratório de Bacteriologia. Ambos, com os Laboratórios de Micologia, Parasitologia, Citologia e Anatomia Patológica, Hematologia, Imunologia e Serologia, vão constituir, pela nova lei, o Departamento de Biologia e Imunologia.

Em 1973, o Instituto muda-se para o novo edifício que hoje ocupa, o que iria permitir uma melhor concretização das suas tarefas. A criação do Instituto Nacional de Saúde e a sua instalação num edifício próprio, culminou o sonho e o trabalho de um grupo de sanitaristas a quem o País muito deve em termos de luta por uma correcta doutrina e prática de Saúde Pública. GONÇALVES FERREIRA e ARNALDO SAMPAIO foram os grandes obreiros dessa tarefa e se, no

particular, algumas modificações se torna necessário introduzir ao seu projecto inicial – o Decreto-Lei 413/71 – na sua essência, os conceitos mantêm-se inalteráveis.

Pena foi que, do ponto de vista do Instituto, como do País, a lei tenha surgido tardiamente quando alguns erros se tinham cometido e se tornava difícil corrigí-los.

15. O Laboratório de Virologia foi projectado, no seu início, como um sector do Laboratório de Bacteriologia e só adquiriu a sua autonomia em 1971, quando foi criado o Instituto Nacional de Saúde. Desde a sua criação desenvolveu trabalho conjunto com o Centro Nacional da Gripe, de que era director ARNALDO SAMPAIO, de tal maneira que não é fácil dizer o que foi tarefa de um ou de outro laboratório.

Se bem que o Laboratório de Virologia tenha sido criado como um sector do Laboratório de Bacteriologia Sanitária e estivesse intimamente ligado ao Centro Nacional da Gripe, os responsáveis por aqueles laboratórios, sempre me reconheceram como responsável pela Virologia e me incitaram a tomar inteiramente a liderança e a gestão do laboratório sem, no entanto, me negarem todo o apoio técnico e administrativo de que eu carecia.

As dificuldades foram grandes, no início. Apesar da excelente preparação teórica e prática que adquirira em Londres, cedo me apercebi quão diferente era trabalhar em laboratórios organizados, funcionando em pleno, ou iniciar um, a partir do quase nada, com carências várias e grandes – de espaço, de equipamento, sobretudo de gente com quem trocar ideias e repartir problemas.

As dificuldades não eram apenas no sector da Virologia. No entanto, e apesar delas, o Laboratório de Bacteriologia Sanitária do Instituto Superior de Higiene realizou uma tarefa, nas décadas de 50 e 60, que se pode qualificar de brilhante. Montaram-se técnicas não usadas até então e sem recorrer,

tanto como agora, às idas ao estrangeiro; realizaram-se estudos epidemiológicos importantes, particularmente no campo das doenças de transmissão sexual, das estreptococcias, das rickettsioses e das doenças virais; o Instituto contribuiu para derrubar conceitos ultrapassados mas enquistados na prática clínica corrente. Criticar, como se tem feito, os técnicos desse tempo, se não traduz um oportunismo grosseiro, representa um total desconhecimento, quer das finalidades e objectivos de um Instituto de Higiene, quer das dificuldades que os técnicos de então foram encontrando e vencendo, e do trabalho que foi necessário fazer para se conseguirem as condições actuais, muito boas, ainda que longe de serem as ideais.

Em 1957, alguns meses depois de ter participado, em Madrid, num Seminário da Organização Mundial de Saúde, fui convidada pela Universidade de Miami para integrar, durante dois anos, uma equipa de estudo do Dengue. Aceitei mas rescindi o contrato pouco antes de partir, por motivos particulares. Anos mais tarde, fui de novo convidada para trabalhar numa outra Instituição, esta no País. DAVID FERREIRA ofereceu-me um lugar na sua equipa de trabalho, no Instituto Gulbenkian de Ciência. Recusei, então por razões de amor à obra que ia prosseguindo no Instituto Ricardo Jorge.

16. Um laboratório de Virologia, num país de fracos recursos financeiros e onde não abundam os recursos humanos, leva tempo a criar. O desenvolvimento do laboratório, tanto quanto o desenvolvimento da Virologia Médica no Instituto, tem sido trabalho de uma equipa que, a pouco e pouco, se foi constituindo, condicionada pelas possibilidades financeiras da Instituição e dos recursos humanos de que fomos dispendo. Começámos, em 1956, com dois elementos, MARIA IRENE NUNES, licenciada em farmácia e eu própria. Dispunhamos, nessa altura, de apenas três ou quatro peças de

equipamento, ainda que fundamentais. Somos hoje, em 1985, trinta e seis elementos dos quais cinquenta por cento são licenciados ou técnicos médios; nos anos mais recentes, uma razoável política de aquisições tem permitido equipar o laboratório de modo a poder desenvolver-se nas linhas que traçámos.

É justo referir o apoio técnico, em termos humanos, que outros sectores do Laboratório de Bacteriologia Sanitária nos deram nos primeiros tempos da nossa actividade. É oportuno, também, referir o esforço de todos os elementos do laboratório (incluindo os que, por razões particulares, o têm abandonado) para criar um Serviço de que, penso, todos nos orgulhamos.

17. Temos procurado desenvolver vários tipos de actividade, todos de grande importância em Saúde Pública e todos enquadrados nas finalidades e objectivos do Instituto:

- o apoio a Serviços de Saúde, primários e diferenciados, no estudo etiológico de doenças transmissíveis virais, endémicas ou epidémicas;
- a investigação epidemiológica dessas mesmas situações e na qual o diagnóstico etiológico tem uma importância fundamental;
- a organização de sistemas de vigilância de doenças transmissíveis;
- a investigação em saúde, aplicada ao conhecimento das infecções virais em Portugal e do seu impacto na morbidade e mortalidade nacionais.

Somos, também, Laboratório Central de Referência e temos tido tarefas de ensino e de formação de estagiários. Colaboramos, desde 1977, com o Virus Reporting System, um sistema de registo de doenças infecto-contagiosas da Organização Mundial de Saúde.

Para alcançarmos os objectivos que nos propusemos temos diferenciado vários sectores no laboratório, de acordo, fundamen-

talmente, com o desenvolvimento da Virologia e com as capacidades técnicas dos elementos de que dispomos e, também, com as solicitações dos serviços utentes, nomeadamente os serviços de Pediatria e de Doenças Infecto-Contagiosas. O Laboratório de Virologia compreende, actualmente, vários sectores de apoio e os sectores técnicos de Vírus Respiratórios, de Vírus Entéricos, de Rubéola e Vírus Herpes, de Arbovirus e de Diagnóstico Rápido por técnicas de fluorescência e de microscopia electrónica onde são também estudados os Vírus Epstein Barr e os Rotavirus. O desenvolvimento de cada um destes sectores poderá ser apreciado nos Relatórios do Serviço, elaborados com bastante pormenor nos anos de 1957, 1972, 1973, 1977/78, 1979, 1980 e 1981, que inclui a referência ao DIA DA VIROLOGIA que comemorámos em 1981, ano em que o laboratório completou vinte e cinco anos de existência.

18. Em 1976 fui convidada para integrar a Comissão Instaladora do Instituto Nacional de Saúde, pelo então Secretário de Estado da Saúde, ALBINO AROSO. Aceitei a tarefa e exerci-a até ao fim de Dezembro de 1977. Não foi tarefa fácil. Entendo que a direcção de uma grande instituição, como o INSA, deve ser exercida em tempo completo e se não consegui cumprir esta tarefa a cem por cento não andei muito longe. Vem-me desta época o hábito de 10 horas de trabalho diário e vem-me, também dessa época, uma maior participação em tarefas que não estão directamente ligadas ao Laboratório de Virologia.

A tarefa agradou-me porque gosto de organizar e gerir e, se bem que o período de tempo em que a exerci fosse curto, — uns escassos 19 meses —, e não fossem tempos fáceis, mal sanadas as lutas de 74 e 75, creio que dei boa conta do recado, sem deixar que os sentimentos próprios intervissem nas decisões que tiveram de ser tomadas.

Nesse período, ultimou-se um Projecto de Reestruturação do Instituto em cuja concepção e redacção intervim e que, lamentavelmente a meu ver, não chegou a ser aprovado pelo Ministério nos meses que se seguiram à extinção da Comissão Instaladora.

19. Voltei a fazer parte da Direcção do Instituto Nacional de Saúde, como Subdirectora, em Agosto de 1983, por convite e proposta de ALOÍSIO COELHO que, em Junho desse mesmo ano, tomara posse do lugar de Director.

Aceitei o convite com prazer. Tendo estado ligada ao Instituto Ricardo Jorge, praticamente durante toda a minha vida profissional, natural seria aspirar a um lugar à cabeça dos seus destinos. Por outro lado, agradava-me trabalhar com ALOÍSIO COELHO a quem me liga uma profunda amizade e com quem partilho os mesmos conceitos sobre Saúde e Formação que, desde sempre, têm norteado a nossa actividade no Instituto Nacional de Saúde e na Escola Nacional de Saúde Pública. Estava certa de que, juntos, num esforço conjugado de duas personalidades, a meu ver complementares, constituiríamos uma equipa com boas possibilidades de levar a bom termo a tarefa de aumentar o prestígio de uma Instituição, como o INSA, com um lugar proeminente no meio científico português.

A herança que recebíamos tinha marca de homens como RICARDO JORGE, GONÇALVES FERREIRA e ARNALDO SAMPAIO que, embora não tenha sido director do Instituto, foi um dos seus técnicos que mais contribuiu para o desenvolvimento e o prestígio da Instituição. A tarefa não seria, portanto fácil mas era aliciante e um desafio.

Aceitei a tarefa, também consciente do esforço que ela iria representar para mim, que continuaria a dirigir o Laboratório de Virologia e a coordenar alguns projectos, uns de investigação, outros de organização de Centros de Estudos.

20. Assumi, de imediato, algumas das tarefas de que ALOÍSIO COELHO tinha até então sido encarregado, nomeadamente a orientação do Sector do Pessoal e a do Departamento do Ensino de Enfermagem, bem como a representação do Instituto em várias Comissões e Grupos de Trabalho no exterior – Comissão de Bolsas e Missões de Estudo, Cooperação Portugal/OMS, Conselho Superior de Acção Social, Integração Europeia. No desempenho das tarefas de representação no exterior, a minha acção tem sido, creio, benéfica para a Instituição, tendo-se conseguido, nestes últimos anos, obter um grande número de bolsas de estudo para a formação dos técnicos do INSA e levar a cabo um grande número de projectos, com interesse para o País.

Em finais de 1984, durante a doença e após o falecimento de WALDEMAR FERREIRA, assumi, também, algumas das tarefas de que ele estava encarregado e que hoje são da responsabilidade de CARLOS PIPA, que lhe sucedeu na orientação do Centro de Estudos de Administração de Saúde Pública.

Assim, não tem sido sem sacrifício de algumas horas de lazer que consigo realizar as tarefas de Gestão do Instituto, nem sempre fáceis ou aliciantes, e aquelas outras que me dão grande prazer e que estão ligadas ao desenvolvimento do Centro de Estudos de Malformações Congénitas e do Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis, tarefas que darei conta ao abordar o Capítulo da Investigação.

21. As grandes preocupações de Aloísio Coelho e de mim própria têm sido, nestes últimos anos, a de implementar, no Instituto, uma administração moderna e eficaz, incrementar as actividades de investigação criando facilidades para a execução de projectos, a despeito dos problemas e do aumento de carências com que os serviços públicos portugueses se têm debatido ultimamente e

promover actividades de formação (Cursos e "Workshops") no domínio da Gestão dos Laboratórios e da sua correcta utilização.

A importância destas acções não é demais acentuar.

Por um lado, temos em conta a finalidade primeira do Instituto que é promover e realizar investigação aplicada que, de certo modo, não é feita em qualquer outra instituição e que é dirigida à obtenção do conhecimento da situação portuguesa no campo da Saúde.

Por força desta investigação será possível, em diversas áreas, fundamentais para a criação e manutenção da Saúde, como Doenças Infecciosas, Nutrição, Meio Ambiente e Genética, obter dados que permitam aos Serviços tomar oportunamente decisões cientificamente correctas.

Por outro lado, sabemos que só uma correcta gestão de laboratórios e uma correcta utilização dos meios de diagnóstico laboratorial – que engloba a qualidade da colheita do produto, a qualidade na execução da técnica e a escolha acertada da análise a fazer – permitirá obter resultados melhores e mais económicos em termos de diagnóstico, de tratamento e de prognóstico da doença.

Difundir estes conhecimentos, levar outros técnicos à compreensão da importância destes problemas, é tarefa útil e de louvar.

22. Simultaneamente com a tarefa de desenvolvimento do Laboratório, tenho procurado aumentar os meus conhecimentos em Virologia e matérias afins ou complementares. Assim, fiz cursos e estágios, no País e no estrangeiro, e participei em Seminários, Ateliers e outras Reuniões, alguns sem comparticipação financeira do Estado, que pudessem ser-me proveitosos e, conseqüentemente, proveitosos para a Instituição onde trabalho.

Por outro lado, ao longo dos últimos vinte anos têm-me sido cometidas várias tarefas, algumas no estrangeiro e em representação do País, quer no campo das Doenças

Transmissíveis e da Virologia, quer no campo da Gestão e Administração, área em que tenho procurado adquirir conhecimentos e desenvolver capacidades, concomitantemente com a minha formação em Microbiologia e Doenças Infecciosas.

Tenho também participado em Reuniões Científicas, Mesas Redondas, Jornadas e outras actividades, bem como proferido lições sobre Virologia e outras matérias.

Todas as actividades deram-me grande prazer e raramente me escuso às solicitações que me são feitas. De todas elas, ou quase, darei conta no capítulo "Elementos Curriculares", no qual as agrupo de acordo com um critério que me pareceu lógico, tendo em consideração os objectivos ou finalidades das acções.

Algumas tarefas foram-me particularmente agradáveis. Estão neste caso as acções de formação – Seminários e Estágios –, as Reuniões de Técnicos e Grupos de Trabalho e a participação na Assembleia Mundial da Organização Mundial de Saúde e outras reuniões internacionais, todas elas de grande interesse e em algumas das quais a minha intervenção não foi de todo inútil.

23. Licenciada em 1946, data da criação da Organização Mundial de Saúde, participei, nos primeiros anos de vida profissional, em várias, longas e, por vezes, muito vivas discussões sobre aquele Organismo e a sua filosofia, para muitos utópica, mas aceite, por mim, sem reservas.

Fui acompanhando de longe, a sua actividade e não me foi difícil compreender que muitas das suas campanhas – a luta contra a malária, o programa de vacinações, o saneamento do meio ambiente, a erradicação da varíola – contribuíram mais para a saúde das comunidades do que as mais sofisticadas tecnologias de diagnóstico e de terapêutica.

Assim, quando em 1975 o Professor ARNALDO SAMPAIO me convidou para

fazer parte da Delegação Portuguesa à Assembleia Mundial da Organização Mundial de Saúde, o meu júbilo foi grande. Ia conhecer, por dentro, o que conhecia só de leitura e conversa. Foi a primeira Assembleia em que Portugal esteve presente depois da Revolução de Abril e foi, por essa razão, particularmente agradável para a Delegação Portuguesa. Voltei em 1976, 1977, 1979 e 1981. Foram suficientes cinco reuniões para reconhecer a razão de algumas críticas que lhe são feitas – que são comuns a muitas outras, senão a todas, as organizações internacionais, e que resultam, da sua própria Constituição – mas sem que com isto perdesse a minha admiração e a minha confiança na Organização.

Criada no rescaldo de uma guerra mundial, num mundo destruído e de luto, surge com um conceito de saúde que é um desafio, tão diametralmente oposto era ao conceito negativo que até aí predominara. Para mim, o mérito principal da Organização reside, exactamente, nos desafios que lança – o conceito de Saúde; a Saúde para todos no ano 2000; o papel primordial dos cuidados de saúde primários; o conceito da responsabilidade dos povos, como um todo, e cada indivíduo, por si, na promoção e protecção da saúde; a necessidade de uma Nova Ordem Económica Internacional, conceito que, embora não seja da sua paternidade, adoptou sem reservas. Por outro lado, produz informação de uma qualidade raramente igualada.

Os seus defeitos resultam, em grande parte, da necessidade de não se imiscuir na política de saúde dos países membros. No que nos diz respeito, alguns relatórios de Consultores que nos têm visitado são de muito pouca ajuda, tão neutros se querem manter.

Embora sem deixar de reconhecer o importante papel do Gabinete de Estudos e Planeamento da Saúde na coordenação das várias actividades da Organização em relação a Portugal, penso, no entanto, que a

nossa intervenção nas Assembleias Mundiais, por um lado, e o aproveitamento das potencialidades da Organização em relação ao País, em termos de bolsas, projectos, consultores, por outro, seriam melhor conseguidos noutras condições que não as actuais.

Não é a altura própria para discutir este ponto, que já apresentei em relatórios elaborados após as Assembleias. No entanto, penso que valerá a pena considerá-lo, noutra ocasião.

24. Em 1979 fui incumbida, pelo Secretário de Estado da Saúde, A. CORREIA DE CAMPOS, de preparar a resposta ao inquérito enviado pelo Bureau Regional da Europa da Organização Mundial de Saúde sobre as estratégias para se atingir a Saúde para todos no ano 2000. O relatório foi elaborado e, posteriormente, tenho sido solicitada pelo Gabinete de Estudos e Planeamento para emitir opiniões sobre relatórios da Organização que se ocupam do mesmo assunto, o que tenho feito com grande satisfação, dada a oportunidade de me debruçar sobre trabalhos de inigualável interesse e importância.

25. Nos últimos três anos, para além das acções de natureza vária relacionadas com o problema de Gestão de Laboratórios, que já referi, destaco a minha participação no Seminário, realizado em Oslo, sobre o desenvolvimento e a implementação de políticas nacionais com vista à Saúde para todos no ano 2000, no qual representei o País, bem como na missão do Governo Português à República Democrática Alemã. Faço ainda uma especial referência à participação, em 1984, na organização do DIA DO INSTITUTO e durante o qual, com ALOÍSO COELHO, tivemos a honra de comentar o trabalho de GONÇALVES FERREIRA "A saúde da população portuguesa (a perspectiva na segunda era da Saúde Pública)" apresentado nessa Reunião.

Tratou-se da primeira realização desta iniciativa – o Dia do Instituto – com a qual o Prof. GONÇALVES FERREIRA, numa atitude que não é demais lembrar e homenagear, quis marcar a sua passagem à disponibilidade.

26. O Seminário em Oslo (o segundo de uma série de três), da responsabilidade da Organização Mundial de Saúde, teve a participação de representantes de 13 países da Europa Meridional e da região mediterrânica, na sua maioria técnicos de saúde com funções de administração.

O objectivo principal do Seminário foi o de permitir uma discussão sobre o desenvolvimento e a implementação de políticas e programas nacionais conducentes à Saúde para todos no ano 2000.

A discussão versou três pontos principais – as estratégias regionais, os cenários alternativos para o futuro desenvolvimento da sociedade e as perspectivas no campo da investigação biomédica – e ainda problemas relacionados com Cuidados de Saúde Primários, o fornecimento de água potável e o saneamento, e o programa nacional de medicamentos.

Os países representados, ainda que diferentes em termos de sistemas sócio-políticos e de níveis de desenvolvimento económico, confrontavam-se com os mesmos problemas, diferindo entre si apenas no ponto em que eles se tornam suficientemente agudos para atraírem sobre si a atenção do público em geral e das autoridades governamentais em particular.

Foi uma reunião a todos os títulos notável, durante a qual muito aprendi, mas nela fui também capaz de dar uma contribuição razoável, fruto de uma reflexão que desde há muito vinha fazendo sobre os problemas da saúde e os factores que a influenciam.

27. Em Novembro de 1984 fui designada, pelo Ministro da Saúde, para integrar a missão portuguesa que se deslocou à

República Democrática Alemã como primeiro passo do Protocolo de Cooperação, assinado pelos Governos dos dois países.

A missão, constituída por JOÃO MARCOLINO DOS SANTOS, Director-Geral dos Assuntos Farmacêuticos, que presidia, por JOSÉ LOPES DIAS, da Direcção Geral de Cuidados de Saúde Primários, e por mim própria, tinha por objectivo estudar a organização do sistema de saúde da Alemanha de Leste. Mais tarde, em 1985, veio a Portugal uma missão da República Democrática Alemã com o mesmo fim, em relação ao nosso País, tendo eu sido indicada para participar nas reuniões havidas, nessa altura, entre a missão alemã e autoridades de saúde portuguesas, no sentido de se definirem áreas de possível colaboração entre os dois países.

A missão alemã visitou o Instituto Nacional de Saúde, onde foi recebida pelo Director e pelos responsáveis dos Laboratórios. Foi com extremo agrado que, na reunião final, no Ministério, ouvi as mais elogiosas referências ao Instituto, tendo sido solicitada a sua participação em projectos comuns, em várias áreas, nomeadamente na das doenças transmissíveis de origem viral. Penso, de resto, que será fundamentalmente na área da investigação aplicada ao conhecimento de alguns problemas de saúde que se poderá encontrar uma plataforma de cooperação, dada a diferença de concepções em que assentam os sistemas de saúde dos dois países.

28. Ainda neste capítulo, será de interesse referir a minha nomeação, em Maio de 1984, como representante do Ministério da Saúde na Comissão Permanente Invotan, tarefa em que me precederam, nos anos mais recentes, ALOÍSO COELHO e FERNANDO PÁDUA.

Em 1985, fui indicada para fazer parte do grupo restrito de representantes, encarregados de seleccionar os candidatos para bolsos, o que me permitiu ter uma melhor

visão sobre áreas de investigação que, no nosso País, estão relativamente bem estruturadas e a produzir frutos.

29. Entretanto, o Centro Nacional da Gripe, de cujo Conselho Administrativo faço parte desde 1962, deixou de ser dirigido por ARNALDO SAMPAIO, quando este professor atingiu o limite de idade, em 1978. Passei a desempenhar oficiosamente as suas funções. Em 1980, o então Director-Geral de Saúde, JOSÉ LOPES DIAS, fez a proposta, que foi aceite superiormente, de que o lugar passasse a ser oficialmente ocupado por mim. Sou DIRECTORA DO CENTRO NACIONAL DA GRIPE desde Maio de 1981. Continuei a contar, até a sua morte, com o apoio do Professor ARNALDO SAMPAIO, muitas vezes solicitado e nunca recusado.

30. Concomitantemente com a tarefa da organização do Laboratório de Virologia foram-se desenvolvendo duas outras actividades de que darei contas nos capítulos a seguir, da Investigação e do Ensino.

INVESTIGAÇÃO

31. Aprendi com JOSÉ CUTILEIRO que um Serviço de Saúde Pública deve manter, a par com o espírito de rotina, entendido como a standardização de normas que atinjam o maior número possível de indivíduos, o espírito de investigação que há-de fornecer ao primeiro novos elementos de trabalho. Ao longo da minha vida profissional tenho mantido sempre o interesse pela investigação em Saúde dirigida para o conhecimento das condições do País no campo das doenças infecciosas. Este tipo de investigação epidemiológica, para quem sempre gostou do trabalho hospitalar, é fascinante.

Para realizar a investigação que os meus colaboradores e eu própria nos propusemos levar a cabo, procurámos, por um lado, e como condição fundamental da mesma, desenvolver o Laboratório tecnicamente e, por outro, manter ligações estreitas com os serviços utentes, o que nem sempre é fácil, dados o número limitado de licenciados de que dispomos e o excesso de trabalho que não nos deixa muito tempo livre para reuniões, no Instituto ou fora dele.

No entanto, temos promovido alguns encontros com técnicos de Saúde de outras Instituições e, em 1982, realizámos um Simpósio sobre "Apoio laboratorial em Virologia" que, sem dúvida, constituiu um passo importante neste tipo de actividade, que procuramos manter com os serviços utentes. Apresento uma nota sobre este Simpósio em outro ponto deste Currículo.

32. Tanto o desenvolvimento do Laboratório como a execução de estudos e projectos de investigação são resultado do trabalho de uma equipa de técnicos cuja formação se tem processado no País e em laboratórios estrangeiros, e de técnicos médios preparados por nós. O meu papel tem sido, fundamentalmente, o de orientação e de incitamento, persistente e teimoso. Alguns trabalhos são, no entanto, da minha mais directa responsabilidade e sobre eles farei algumas considerações nos pontos seguintes. Estão, neste caso, estudos sobre gripe e poliomielite, sobre rubéola e malformações congénitas e sobre o tracoma, ao tempo, 1956, considerado como uma doença viral. Actualmente, interesse-me pela criação e desenvolvimento de um Centro de Vigilância Epidemiológica de Doenças Infecciosas.

33. A GRIPE constitue, na sua forma epidémica, uma das pragas ainda não controladas da humanidade. As epidemias e pandemias sucedem-se com frequência monótona causando um número considerável de mortes.

As vacinas contra esta doença só são eficazes quando aplicadas a segmentos da população devidamente escolhidos e contenham a estirpe responsável pelo caso ou surto, o que reclama uma vigilância constante sobre os vírus que circulam numa comunidade em períodos interepidémicos e o isolamento e caracterização rápidos das estirpes causadoras dos surtos epidémicos, quando eles surgem. Estas, algumas das tarefas dos Centros Nacionais da Gripe.

As minhas primeiras tarefas como Virologista do Instituto consistiram em desenvolver as técnicas, então em uso, para o diagnóstico laboratorial da gripe e montar as técnicas para o diagnóstico da poliomielite e situações clínicas afins. Pouco tempo depois da minha entrada para o Instituto tivemos ocasião de pôr à prova o que éramos capazes de realizar no campo da gripe.

Mil novecentos e cinquenta e sete ficou assinalado por uma das grandes pandemias de gripe que o Mundo tem registado, Portugal incluído. Então, o Centro Nacional da Gripe e nós, os dois elementos do Instituto, tivemos uma tarefa exaustiva para conseguirmos, com tão poucos elementos, responder a todas as solicitações que nos fizeram, ou que nós próprios fazíamos – isolamento e classificação de estirpes, estudos epidemiológicos e também a supervisão da preparação de vacina no Laboratório de Patologia Veterinária dirigido, então, por MANSO RIBEIRO.

Anos mais tarde, em 1968, (já o Centro da Gripe tinha o seu quadro próprio), voltámos a colaborar no estudo da epidemia Hong Kong, também de grandes proporções, se bem que menores do que as da epidemia de 1957. Nessa altura, não foi possível aos serviços prepararem vacina, como sucedera em 1957.

Para controlar o surto, e apesar das críticas dos serviços farmacêuticos comerciais, o Centro Nacional da Gripe importou, ele próprio, vacina que vendeu, a preços

razoáveis, aos sectores a quem prioritariamente ela deveria ser aplicada. Esta medida, de grande mérito em termos de Saúde Pública, significou um acréscimo de trabalho para os nossos serviços que, além do controle laboratorial da vacina, teve de montar as estruturas administrativas necessárias para o seu levantamento na alfândega e a sua comercialização posterior. Desde então, nenhuma outra epidemia de grandes proporções se verificou entre nós e não tem sido necessário mobilizar, como em 1957 e 1968, os esforços de todo o Laboratório e de elementos de outros serviços, para responder às solicitações.

Foram publicados vários trabalhos sobre as duas epidemias referidas.

Actualmente, o sector de Vírus Respiratórios, dirigido por MARIA VIRGÍNIA DE FIGUEIREDO, licenciada em Farmácia, uma virologista de excelentes qualidades que em 1961 transitou do Centro Nacional da Gripe para o Instituto, encarrega-se do estudo de todas as viroses respiratórias, além da gripe, e tem feito trabalhos epidemiológicos de valor no estudo de pneumopatias e de adenoviroses.

34. A POLIOMIELITE é uma doença infecciosa que, na sua forma mais grave, afecta o sistema nervoso central dando uma paralisia flácida por destruição dos neurónios motores da medula espinal. É uma doença causada por um vírus, de que se conhecem três tipos, do grupo dos enterovirus.

Em estudos sobre a poliomielite, os inquéritos serológicos são fundamentais para o conhecimento da epidemiologia da doença: eles têm uma relevância especial desde que a vacinação antipolio foi introduzida na prática clínica.

Em fins dos anos 50, a opinião médica em Portugal dividia-se em relação ao problema da vacinação contra a poliomielite. Os médicos, em geral, consideravam que ela deveria tornar-se obrigatória; os técnicos dos Serviços de Saúde entendiam que ela deve-

ria ser aconselhada mas não fornecida gratuitamente pelos serviços. Baseavam a sua opinião nos dados estatísticos que mostravam que a doença não constituía um problema de Saúde Pública relativamente importante, quer em termos de morbilidade, quer em termos de mortalidade. Outras situações deveriam ser consideradas prioritariamente, tais como a difteria, o tétano e a tosse convulsa. As vítimas destas doenças contavam-se às centenas cada ano, as da polio eram poucas. No entanto, os serviços de saúde consideravam que se deveriam manter vigilantes; a situação poderia mudar se as condições sócio-económicas do País melhorassem, como se esperava e desejava. Pouco se sabia da história natural da doença em Portugal. Projectou-se, então, um inquérito serológico, numa amostra representativa da população do País que seria escolhida em 8 distritos do Continente. Mais tarde, estendeu-se o inquérito também à Madeira e Açores (S. Miguel). Pretendíamos conhecer a prevalência da infecção, para apoio da posição dos Serviços de Saúde, atrás referida. O trabalho foi executado, então, com a colaboração dos elementos do Centro Nacional da Gripe, para os distritos de Viana do Castelo, Braga, Bragança, Portalegre, Faro, Coimbra, Lisboa e Beja, num total de 2200 soros. Os resultados referentes ao distrito de Viana do Castelo foram apresentados na Sociedade de Ciências Médicas, em 1960, e ao trabalho foi atribuído, em 1961, o PRÉMIO SANITAS DE SAÚDE PÚBLICA.

Desde então, os estudos têm progredido e em várias linhas – o isolamento e a diferenciação das estirpes isoladas, vigilância da doença que inclui inquéritos epidemiológicos de casos e focos epidérmicos e inquéritos serológicos e, ultimamente, a montagem de técnicas para pesquisa de vírus em águas-residuais e de abastecimento.

O sector é, actualmente, dirigido por MARIA IRENE NUNES, licenciada em Farmácia, minha colaboradora desde a primeira hora

do Instituto, onde já trabalhava quando eu fui contratada. As suas qualidades técnicas e de carácter merecem uma especial referência.

35. Em 1956, o TRACOMA era ainda, entre nós, um importante problema de Saúde Pública, embora a sua incidência estivesse a diminuir. Tinha sido uma situação clínica de grande prevalência, particularmente nalgumas zonas do litoral, responsável, segundo as estatísticas mais optimistas, por 6 a 7% dos casos de cegueira no País. Em 1947, é organizada a luta contra a doença, criando-se o Serviço de Luta Antitracomatosa dependente da Direcção Geral de Saúde; em 1950, a doença passa a ser de notificação obrigatória.

Na luta contra a doença destacaram-se HENRIQUE MOUTINHO, JOÃO SARAIVA, JOÃO SANTANA LEITE e EDUARDO ALBARRAN. Mantive com os três últimos excelentes relações profissionais e de amizade, que me apraz recordar. Os meus contactos com HENRIQUE MOUTINHO foram poucos e sempre distantes, o que lamento. Creio que o seu saber e o seu interesse por estes problemas teriam valido um contacto mais profundo, que nunca se proporcionou.

A procura sistemática de casos de doença e o emprego de sulfamidas e antibióticos no seu tratamento, fez diminuir o número de novos casos. Clinicamente, a doença era, na maioria dos casos, benigna, e alguns, de acordo com a informação dos oftalmologistas, evoluíam espontaneamente para a cura. Em 1956, iniciámos o estudo laboratorial da doença pela pesquisa dos corpos de inclusão, utilizando uma técnica de coloração que mais tarde abandonámos, dada a frequência de resultados falsamente positivos. Em 1957, depois de uma estadia em Colindale durante uma visita particular que efectuei à Inglaterra, introduzimos técnicas de isolamento do agente. Nessa época, um investigador chinês, T'ang, recorrendo a um método que outros, anos antes, haviam

abandonado, conseguiu isolar o agente e Collier, em Londres, tinha obtido o "vírus" e trabalhava intensamente o problema, tanto no laboratório como no campo, nomeadamente na Gâmbia. COLLIER forneceu-me o "vírus", para estudo.

O isolamento não era fácil e, por razões que não conseguimos elucidar, só se obtiveram resultados positivos ao fim de alguns meses de tentativas, variando a técnica de inoculação em ovos embrionados de galinha.

Em fins de 1957, ARNALDO SAMPAIO, regressado de um estágio nos Estados Unidos, traz a proposta de JOHN SNYDER, investigador de nomeada e Decano da Escola de Saúde Pública da Universidade de Harvard, para que fossem conduzidos em Portugal parte dos estudos que se propunha levar a cabo sobre o tracoma, com os seus colaboradores S. BELL Jr. e EDWARD MURRAY. Solicitavam a colaboração de técnicos portugueses e propuseram-se coordenar os trabalhos no País. Aceitei a tarefa.

Trabalhámos intensamente o problema de 1956 a 1965. A nossa actividade neste campo é actualmente muito reduzida, limitada ao estudo de casos esporádicos que são observados nos Dispensários.

O nosso trabalho, parte dele feito com a equipa de Harvard, consistiu no isolamento e estudo das estirpes isoladas, na pesquisa de corpos de inclusão em esfregaços conjuntivais e em estudos sobre vacinação levada a cabo em voluntários. Participámos, também, em estudos epidemiológicos de base clínica e laboratorial, comparando vários pontos do país – zonas de grande endemicidade (Setúbal e Lisboa) e zonas em que a doença nunca foi observada (Viana do Castelo). Os resultados dos nossos trabalhos foram publicados e apresentados no 9º Congresso de Medicina Tropical, no Brasil. Quando em 1963, terminei o Curso de Medicina Sanitária, escrevi uma monografia sobre o assunto, que foi distinguida com o PRÉMIO RICARDO JORGE.

36. A RUBÉOLA é uma doença infecciosa benigna, mas que constitui um importante problema de Saúde Pública pelo facto de poder ser causa de malformações quando ocorre em mulheres nos primeiros meses de gravidez.

Em 1968, iniciámos o estudo do vírus responsável. Trabalhava-se já, por todo o mundo, neste campo, mas entre nós nada se sabia, nem quanto à susceptibilidade à doença na população feminina, nem quanto ao peso das infecções pelo vírus da rubéola nas malformações ocorridas entre nós. Montámos um serviço de diagnóstico e, podemos dizê-lo sem falsa modéstia, o nosso laboratório é um dos dois laboratórios de Virologia do País que, neste campo, prestam um melhor e mais eficaz serviço à comunidade.

Temos aproveitado o serviço de rotina para colher informações quanto à susceptibilidade à infecção na população feminina dos 15 aos 45 anos, completadas por estudos programados, em grupos populacionais escolhidos.

Além do estudo da susceptibilidade à rubéola, os nossos trabalhos contemplam vários outros aspectos importantes desta doença, nomeadamente o estudo de doenças exantemáticas semelhantes à rubéola, ocorridas na gravidez; o estudo, ao longo dos seus primeiros seis anos de vida, de crianças nascidas de mães que tiveram rubéola, comprovada laboratorialmente, durante a gravidez; o estudo de crianças com a síndrome de rubéola congénita; e o estudo da eficácia da vacinação anti-rubéola. Sobre estes estudos apresentámos e publicámos vários trabalhos e temos vários outros em preparação.

37. As MALFORMAÇÕES CONGÉNITAS constituem problemas importantes de Saúde Pública, responsáveis por uma morbidade e mortalidade elevadas. Em países desenvolvidos constituem hoje a causa mais importante de morbidade de crianças, diminuídas que foram, drasticamente, as causas infecciosas da mortalidade neo-natal e infantil.

Têm uma causa genética ou ambiental, por vezes em combinação. A importância dos factores ambientais, embora já suspeitada, só foi demonstrada em 1942 por Gregg, que apontou para uma presumível relação entre a catarata congénita e a infecção pelo vírus da rubéola, ocorrida na gestação.

O problema das malformações congénitas e da sua importância em Saúde Pública há muito que nos preocupa. Em 1969, iniciámos o estudo das malformações devidas à rubéola, estudo esse alargado, anos mais tarde, a outras infecções, em conjunto com os Laboratórios de Bacteriologia e de Parasitologia do Instituto. Parte do Trabalho tem sido subsidiado pelo PIDDAC. Alguns dos resultados obtidos foram já publicados ou apresentados em reuniões científicas, nacionais e internacionais.

Assim, foram apresentadas comunicações em 1984, no 2º Congresso de Doenças Infecciosas dos países de expressão portuguesa e, em 1985, no Simpósio sobre malformações cardíacas congénitas, organizado por Fernanda Sampayo.

38. No início do nosso trabalho, deparamos com a dificuldade de não existirem no País estatísticas de morbilidade por malformações, o que dificultava a apreciação do peso relativo das infecções no grupo total das malformações. Assim, com o apoio de um grupo de colaboradores nos quais se incluem pediatras, geneticistas, um epidemiologista e um bioestatista, decidimos organizar um CENTRO DE ESTUDOS DE MALFORMAÇÕES CONGÉNITAS ao qual incumbiria, entre outras tarefas, a da criação do REGISTO DE MALFORMAÇÕES.

O Registo foi iniciado em 1981 em 4 grandes Hospitais/Maternidades de Lisboa (Maternidade Alfredo da Costa e Hospitais D. Estefânia, Santa Maria e Egas Moniz), tendo já sido publicados os resultados das notificações recebidas em 1981. Encontra-se em preparação um trabalho no qual serão apresentados, conjuntamente, os resultados

das notificações recebidas em 1982, 1983 e 1984.

Entretanto, o Registo alargou-se a Faro, Ponta Delgada, Beja e Coimbra e, posteriormente, após a realização, em Janeiro de 1985, de um Seminário sobre Malformações Congénitas, a Braga, Castelo Branco, Covilhã, Évora, Guimarães, Santarém e Centro Hospitalar de Vale de Sousa.

Em Julho de 1985, o Registo foi implementado em Macau.

39. Em Janeiro de 1985, o Centro organizou um Seminário destinado a médicos e enfermeiras de serviços de Obstetrícia e de Pediatria de Hospitais Centrais e Distritais, com o objectivo de dar a conhecer o Registo e de chamar a atenção para alguns problemas ligados ao diagnóstico das malformações.

As conclusões do Seminário, apresentadas adiante, puseram em relevo a necessidade de instituir o Registo, a nível nacional e incentivar, a nível periférico, a efectivação de exames complementares importantes para o diagnóstico de malformações como a ecografia pré-natal, os exames anatomo-patológicos de fetos mortos e de recém nascidos que venham a falecer na 1ª semana de vida e os estudos laboratoriais (Cariotipo e Torch).

Actualmente, está em preparação uma reunião, a realizar em Faro, em Fevereiro de 1986, para discussão dos problemas do Registo, naquele distrito. Esta reunião será coordenada por duas colaboradoras minhas na organização do Registo, MARIA DE JESUS FEIJÓ, especialista em genética médica, e MARIA JOSÉ DE SOUSA, pediatra no Hospital de Faro e representante do Centro de Malformações Congénitas daquele distrito.

40. Sobre o registo contactei em 1978, em Londres, com J. WEATHERALL, do Office for Census and Population Survey, que coordenava o PROJECTO EUROCAT de

Registo de Malformações e de Gémeos, da Comunidade Económica Europeia (CEE). Este Projecto tem por objectivo apurar o diagnóstico de malformações por estudos anatomo-patológicos e laboratoriais. Embora Portugal não fosse ainda membro da CEE, fui convidada a participar no Projecto, com o estatuto de observador.

Em 1980 e 1981, participei na primeira e na segunda reuniões dos coordenadores, que se realizaram em Bruxelas e em Atenas, respectivamente. Também, em 1980, fui convidada, como especialista em Virologia, para participar num Atelier sobre Patologia Fetal e Perinatal que se realizou em Sheffield, com o objectivo de:

- rever os métodos apropriados para o exame de nado-mortos e de fetos de diferentes idades gestacionais;
- estabelecer linhas orientadoras para os anatomo-patologistas, com o fim de ser uniformizado um método de exames post mortem.

Nessa reunião apresentei um trabalho sobre "O ponto de vista do virologista sobre patologia infantil".

Fui ainda solicitada para orientar a tradução de um livro, editado pela CEE, intitulado "The Recognition of malformations of the central nervous system at birth" (Norman C. Nevin e Josephine A. C. Weatherall). A tradução foi feita e o livro encontra-se, actualmente, na fase de impressão.

Quanto ao Projecto Eurocat, temos tido dificuldades na sua implementação em Portugal, devido, fundamentalmente, à escassez de técnicos especialistas, nomeadamente anatomo-patologistas e geneticistas. Pensamos, no entanto, que o conseguiremos em breve.

41. Dado o meu interesse pelos problemas de malformações e deficiências, fui indicada, em 1979 para integrar, como consultor temporário da Organização Mundial de Saúde, um Grupo de Trabalho sobre o "diagnóstico precoce de deficiências em

crianças", que reuniu em Faro, sob a minha presidência.

Os objectivos deste Grupo de Trabalho foram os de recomendar métodos para uma gestão compreensiva de programas de detecção precoces de deficiências em crianças. As recomendações foram já apresentadas numa publicação da Organização Mundial de Saúde.

42. Apesar dos progressos verificados nos últimos anos no tratamento e prevenção das doenças infecciosas, estas continuam a constituir problemas importantes de Saúde Pública. São muitas as doenças e poucas as vacinas de que dispomos; muitas doenças, principalmente as respiratórias, são causa importante da morbidade e mortalidade tanto nos países em desenvolvimento como nos desenvolvidos; surgem novas doenças como a febre dos legionários e a SIDA; sabe-se pouco sobre infecções latentes e os mecanismos da reactivação das infecções; há uma mutação constante dos microorganismos, muitas vezes causada ou acelerada pelas medidas terapêuticas; existem novos factores epidemiológicos ligados ao uso, e abuso também, de medidas de diagnóstico e de terapêutica e a profundas alterações do comportamento social. Portugal, no que diz respeito a doenças infecciosas, como em muitos outros aspectos de saúde, ocupa uma posição intermédia - ainda nos afligem as doenças ditas comuns, próprias dos países em desenvolvimento, pesam na nossa morbidade as infecções de elevada transmissibilidade e só não registamos mais as doenças ligadas às técnicas de diagnóstico e terapêutica porque, numa política de avestruz, que nos é própria, enterramos a cabeça na terra para as não detectarmos.

No entanto, como diminuiu significativamente a incidência da difteria, do tétano e da poliomielite e se tratam e curam infecções que, ainda há pouco, tinham uma elevada letalidade, alguns técnicos com

grande responsabilidade no campo da Saúde Pública, em Portugal, afirmam que as doenças transmissíveis deixaram de ter importância em clínica e em Saúde Pública. Esta opinião, não é compartilhada por técnicos de outros países, que defendem teorias opostas. A doença transmissível continua a ter importância, embora se tenha modificado o modelo das infecções, tanto no que se refere aos grupos em risco como no que diz respeito aos tipos de agentes infecciosos. Em conformidade com isto, países como o Reino Unido, a Itália, a própria Espanha e os países do norte da Europa têm criado Centros de Estudo das Doenças Transmissíveis que, através de programas de vigilância bem estruturados, colhem dados de morbidade e mortalidade, fazendo de seguida a informação de retorno, através de Boletins Epidemiológicos, periódicos.

43. Há muito que trabalhamos para a criação, no Instituto, de um Centro com as características apontadas, projecto que já se encontra na sua fase final de organização. Este Centro foi organizado graças a um projecto incluído no Programa de Cooperação Portugal/OMS 84/85, de que fui coordenadora. Para a concretização do mesmo, foram programadas várias acções, nomeadamente a vinda a Portugal de um consultor da Organização Mundial de Saúde, a minha deslocação ao Centro de Roma, no ISTITUTO SUPERIORE DI SANITÀ, acompanhada de AMÉLIA LEITÃO, e a realização de um Seminário, dirigido aos técnicos dos Laboratórios do Instituto Nacional de Saúde e dos Laboratórios de Saúde Pública, com o objectivo de os sensibilizar para a tarefa.

44. O Seminário realizou-se em Abril de 1985, com a colaboração do Consultor da OMS, DANIEL REID, director do Centro de Vigilância das Doenças Transmissíveis da Escócia e de técnicos do Instituto Nacional de Saúde, da Escola Nacional de Saúde

Pública, da Direcção-Geral de Cuidados de Saúde Primários e de Serviços Veterinários. Na dupla tarefa de organização do Centro e realização do Seminário, fui particularmente apoiada por técnicos do Instituto e da Escola, nomeadamente por AMÉLIA LEITÃO (que me acompanhou na visita ao Centro de Roma, dirigido por DONATO GRECO), ARMINDO FILIPE, TERESA PAIXÃO que, entretanto foi convidada para frequentar um curso de Epidemiologia em Glasgow e TEODORO BRIZ que, a meu conselho, visitara o Centro de Londres, durante a sua estadia em Inglaterra.

Se bem que o Centro não esteja ainda oficializado, mantemos já contactos com os Centros de Londres, de Glasgow e de Roma. Por outro lado, recebemos já, periodicamente, informações dos Laboratórios de Saúde Pública e temos projectada a criação de um Boletim Epidemiológico, cuja publicação deverá iniciar-se em Outubro próximo. No Centro foi integrado o Grupo de Trabalho, criado em Julho de 1985, por despacho do Ministro da Saúde, com o fim de detectar e confirmar os casos de SIDA ocorridos no País.

45. Em Outubro de 1983, fui convidada pela Organização Mundial de Saúde para participar na Reunião "Aids in Europe: Status quo 1983" que se realizou em Aarhus, na Dinamarca.

A reunião, organizada, conjuntamente, pela Sociedade Dinamarquesa do Cancro, a Organização Europeia para a Cooperação em Estudos de Prevenção do Cancro e a Organização Mundial de Saúde, pretendeu, como objectivo principal, obter um acordo entre investigadores americanos e europeus quanto à definição da doença, às estratégias para a combater e minimizar nas suas consequências e aos estudos epidemiológicos necessários para o seu conhecimento e eventual prevenção.

Pouco tempo após a reunião, foi criado o Centro Cooperativo da OMS, para o estudo

da SIDA, na Europa, que se situa no Institut de Médecine et d'Epidémiologie Tropicales, em França.

Dado que me apercebi, de imediato, da importância desta situação clínica a que Portugal não iria, certamente, escapar, e da necessidade de se estabelecerem, no País, estratégias para o conhecimento da situação e para a informação oportuna e correcta dos grupos em risco, dos técnicos de saúde e do público em geral, solicitei a criação de um Grupo de Trabalho (que de acordo com Caldeira da Silva, deveria, mais correctamente ser designado de Grupo Operacional) sediado no INSA e que se ocupasse das tarefas atrás indicadas.

Data de Novembro de 1983 a primeira tentativa que fiz — e a que muitas outras se seguiram — no sentido de se criar, no Instituto Nacional de Saúde, um grupo encarregado de estabelecer e orientar um programa de vigilância epidemiológica da Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida.

Apesar do interesse que me movia, e do esforço dispendido, o grupo só viria a ser constituído em Julho de 1985, integrando elementos da Direcção Geral de Cuidados de Saúde Primários (J. BANDEIRA COSTA), da Direcção-geral dos Hospitais (J. M. CALDEIRA DA SILVA) do Instituto Nacional de Sangue (P. FRANCO), da Associação do Luso Transplante (MACHADO CAETANO), e do Instituto Nacional de Saúde (L. AYRES), com funções de coordenação.

Os objectivos do Programa de Vigilância Epidemiológica da SIDA são:

- detectar casos de SIDA em Portugal e monitorizar a sua incidência;
- descrever a epidemiologia básica da situação;
- fornecer informações de retorno sobre a situação no País.

As acções necessárias para o levar a cabo foram já definidas e estão a ser postas em prática.

46. As realizações que indiquei atrás — criação de dois Centros de Estudo, criação do Registo de Malformações Congénitas e estabelecimento de um Programa de Vigilância Epidemiológica da SIDA — constituem empreendimentos que refiro com satisfação e uma ponta de orgulho, dado que os considero de grande importância para o País.

No entanto, e ponho grande força nesta afirmação, elas são, fundamentalmente, obra do trabalho conjugado de equipas de técnicos interessados nos problemas; o meu mérito foi apenas, e tão só, o de não desanimar perante dificuldades que sempre surgem e de coordenar vontades e esforços.

Por outro lado, tento estimular outros técnicos e orientar a sua formação no sentido de, em breve, virem a ocupar-se da condução destas actividades.

Está neste caso TERESA PAIXÃO, do Laboratório de Virologia, que em breve, com uma bolsa da INVOTAN, vai fazer o Mestrado em Epidemiologia de Doenças Transmissíveis, em Glasgow, com vista a integrar-se, em tempo completo, no Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis.

47. Por último, uma breve referência à Carreira de Investigação aplicada aos organismos do Ministério da Saúde, por força do Decreto do Governo 27/83 de 29 de Abril.

A sua aplicação no Instituto Nacional de Saúde foi objecto de estudo por parte de um Grupo de Trabalho que incluiu técnicos da Sede e da sua Delegação do Porto. De acordo com as propostas apresentadas, o Director do Instituto determinou que os quatro técnicos não abrangidos na Carreira dos Técnicos Superiores de Saúde fossem, de imediato, reclassificados; posteriormente, seriam reclassificados todos os Técnicos Superiores de Saúde que o desejassem. A reclassificação seria curricular.

Os quatro técnicos referidos - MARIA ADRIANA FIGUEIREDO, MARIA ESTELA DE SOUSA SILVA, WALDEMAR FERREIRA e eu própria - foram reclassificados por um Júri constituído pelos Professores ALOÍSO COELHO, que presidiu, na qualidade de Director do Instituto, FRANCISCO GONÇALVES FERREIRA, CORIOLANO FERREIRA e JOÃO CÂNDIDO OLIVEIRA. Foi-me atribuído o grau de INVESTIGADOR COORDENADOR.

No entanto, ainda hoje aguardamos que os papeis referentes à reclassificação sigam a longa e tortuosa caminhada através da burocracia portuguesa e voltem ao Instituto, para, então, tomarmos posse.

ENSINO

48. Oriunda, pelo lado paterno, de uma família de professores, o ensino sempre me atraiu. Assim, quando, em 1952, ARNALDO SAMPAIO, Professor da Cadeira de Bacteriologia Sanitária do Curso de Medicina Sanitária, então ministrado no Instituto Superior de Higiene, me convidou para dar duas lições, uma sobre Difteria e a outra sobre Tétano, a minha satisfação foi muito grande.

Era eu, então, uma jovem licenciada com pouca experiência tanto de ensino como de microbiologia. Preparei as aulas com extremo cuidado e, seguindo o exemplo de JOSÉ CUTILEIRO, cujos ensinamentos tenho procurado não esquecer, escrevi-as integralmente. Ainda hoje recordo o medo que senti, antes de começar, e o orgulho, ao acabar, ao dar-me conta de que os alunos, alguns bem mais velhos do que eu, tinham gostado das exposições. Continuei a dar aulas de Bacteriologia em anos subsequentes e, mais tarde, com regularidade, em assuntos de Virologia.

Da experiência das primeiras lições ficou-me o hábito de as escrever, a princípio totalmente, mais tarde com sumários desenvolvidos. Gasto muito tempo com a preparação de cada aula ou de cada participação no exterior. Penso que é esta a receita para o "muito jeito para dar aulas" que me atribuem, dando ao "muito jeito" o sentido de habilidade genética e sem esforço.

Repetidas vezes solicitei ser contratada oficialmente como docente do Curso de Medicina Sanitária mas, tal como aconteceu com ADRIANA FIGUEIREDO, encontrei sempre grande resistência por parte das várias Direcções do Instituto de Higiene que, neste campo, deram aos prelectores de fora da Instituição um tratamento de privilégio que negaram aos seus próprios funcionários. A contratação como assistente só se efectuou em 1968, quando foi criada a Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical. Anos mais tarde, em 1975, já separadas a Escola Nacional de Saúde Pública e o Instituto de Higiene e Medicina Tropical, por decisão do Conselho Escolar da Escola Nacional de Saúde Pública, e após apreciação do meu Currículo, fui proposta para o lugar de Professor Auxiliar, de que tomei posse em 24 de Fevereiro desse ano.

49. O trabalho com ARNALDO SAMPAIO e ADRIANA FIGUEIREDO, nos meus primeiros anos de ensino, foi sempre cheio de interesse. As aulas não tinham as características de lições magistrais, hoje tão criticadas. Sempre se procurou a participação activa dos alunos, tanto no ensino teórico como nas aulas práticas, então em maior número do que em anos recentes.

Quando o Professor ARNALDO SAMPAIO foi convidado para reger a cadeira de Técnica de Administração de Saúde Pública, os docentes da Cadeira de Bacteriologia Sanitária, hoje Microbiologia Sanitária, passaram a organizar o ensino colegialmente, numa conjugação de esforços em que todos

participavam, de acordo com as suas disponibilidades. Desde o ano lectivo de 1980-81, por decisão do Conselho Pedagógico e Científico, que a Regência da Cadeira tem sido feita em regime de rotatividade. Coube-me a mim a Regência durante o ano lectivo de 80-81, no qual, fui simultaneamente gestora do Curso de Saúde Pública.

Durante muitos anos, o Curso seguiu os moldes ditados por ARNALDO SAMPAIO. Mas, quando em 1977 o Curso de Saúde Pública foi remodelado e se atribuiu uma maior intervenção em tempo às Cadeiras de Técnica de Administração de Saúde Pública e de Epidemiologia, foi necessário reduzir a matéria de Microbiologia. Se bem que compreenda e acate a decisão então tomada, não posso deixar de lamentar que reduzidas as horas de ensino, não seja possível complementar a aprendizagem teórica da matéria com mais aprendizagem prática, o que seria de grande utilidade para os profissionais médicos.

No entanto, não é esta a ocasião apropriada para tecer considerações sobre as modificações que reputo importantes, senão fundamentais, na Cadeira de Microbiologia.

Também, como prelectora, fui muitas vezes solicitada para dar aulas em Cursos de Aperfeiçoamento para Delegados e Sub-Delegados e que indicarei no capítulo competente.

50. No início de 1974, fui solicitada pela Universidade Nova de Lisboa para preparar um programa de Microbiologia para o Curso de Pós-Graduação de Fisiopatologia que a Universidade se propunha levar a cabo.

A finalidade do Curso era o da preparação de candidatos à docência e investigação. Teria a duração de dois anos e seria seguido de um estágio em Serviços estrangeiros com a duração mínima de dois anos.

Solicitei a colaboração de quatro docentes, dos quais três acederam imediatamente - ADRIANA DE FIGUEIREDO (Bacteriologia),

ARTUR DE MOURA GERALDES (Virologia) e JÚLIA CABRITA (Micologia). Quando a tarefa foi interrompida, em Abril de 1974, já tínhamos elaborado as linhas gerais de um programa provisório que ia começar a ser discutido com os encarregados do Curso. Não lamento o tempo que dediquei ao projecto. Lamento, sim, que ele não tenha sido levado por diante.

51. Se bem que o ensino da Microbiologia constitua o centro das minhas actividades docentes, tenho sido solicitada para leccionar outras matérias.

Em 1974, fui convidada por ESPERANÇA PINA, do Instituto de Ciências Biomédicas do Campo de Santana, para reger a Cadeira de Ecologia Médica, sem professor desde o afastamento do Professor TORRES PEREIRA. Aceitei com grandes reservas — teria de fazer uma preparação intensa para poder leccionar uma matéria que não me era totalmente familiar, com o mínimo de proficiência que os alunos tinham o direito de esperar, e o tempo não me sobrava. A fim de não prejudicar o meu trabalho no Instituto e na Escola as reuniões de trabalho, quer de gestão do Departamento, quer da preparação do conteúdo e da forma dos cursos, realizava-as à noite ou aos fins de tarde. Por outro lado, e o mais importante, não desejava constituir um entrave ao regresso de TORRES PEREIRA.

Assim, aceitei a tarefa mas recusei qualquer remuneração e a equiparação a professor extraordinário que me foi, insistentemente, oferecida. Participei estas minhas decisões a TORRES PEREIRA e iniciei uma experiência de que conservo as melhores e mais gratas recordações, apesar do grande esforço que me foi exigido.

A minha primeira tarefa consistiu no recrutamento de monitores e assistentes, além daqueles que trabalhavam com TORRES PEREIRA, entre os quais o seu filho ARTUR TORRES PEREIRA, e que desejaram continuar a trabalhar sob a minha direcção.

Não havia, então, regras fixas para a contratação de monitores. Escolhi os assistentes e monitores através de um processo tão democrático quanto possível, sem pôr em causa a eficiência e a capacidade exigidas. Trabalharam sob a minha orientação um grupo de dezoito monitores e assistentes que acabou reduzido a quase metade, por razões do serviço militar e do serviço médico à periferia.

Os tempos não eram fáceis. Estava-se no período mais quente do pós-25 de Abril e, mesmo que o não quiséssemos, as ideologias e tendências de cada um acabavam por se reflectir nas relações pessoais, interferindo, por vezes, na atmosfera do serviço. No entanto, conseguimos sempre, em discussões francas, embora por vezes tumultuosas, ultrapassar os impasses e fazer progredir o Departamento.

Todos me deram um apoio excelente e leal, cumprindo o melhor possível as tarefas que lhes eram confiadas. De todos conservo uma excelente recordação, mas destaco os nomes de ISABEL DE CASTRO, SUZEL LADEIRA, CARLOS PIPA e MARCO ANTÓNIO PAULINO. A MARCO ANTÓNIO ficámos a dever a elaboração de folhas que ajudei a corrigir e que foram de grande ajuda para os alunos. A SUZEL LADEIRA, ISABEL DE CASTRO e CARLOS PIPA ficámos a dever a organização da bibliografia e dos métodos audiovisuais para o ensino.

Entretanto, para me ajudarem numa tarefa que eu sabia ir ser difícil, convidei para colaborar comigo, como assistentes, GUILHERME SAMPAIO FARIA, MÁRIO FARIA e ANA MARIA PAES, da Escola Nacional de Saúde Pública. Os dois últimos não aceitaram o convite por dificuldade de tempo; ficou apenas SAMPAIO FARIA e, se me é permitido citar um lugar comum que, infelizmente, corre o risco de não ter significado por ser tantas vezes repetido a despropósito, diria que sem o seu apoio não teria levado a tarefa até ao fim. Foi um excelente colaborador e um amigo sempre pronto.

52. Dado que durante o primeiro ano da nossa actividade no Departamento de Ecologia não tivemos alunos, pudemos preparar cuidadosamente o programa ao mesmo tempo que estudávamos a matéria do mesmo. O Curso incluía o ensino/aprendizagem de três matérias - Ecologia Geral, Ecologia e Saúde e Ecologia Médica. Procurámos introduzir, e creio que o conseguimos de modo razoável, a noção da saúde e da doença como fenómenos ecológicos. Com o correr dos tempos, e a análise da nossa experiência, fomos modificando o programa, introduzindo-lhe as alterações que a prática nos ia aconselhando.

Quanto à metodologia do ensino, ela teve sempre, como principal característica, uma grande participação dos alunos, quer nas aulas teóricas – que só muito raramente foram do tipo clássico, magistrais – quer em trabalhos de grupo para estudo e discussão de temas. Os temas – Nutrição, Poluição nuclear e Planeamento Familiar – foram seleccionados por nós tendo em vista campos de investigação de problemas importantes em Saúde Pública e que pensávamos ir desenvolvendo, ao longo dos anos, como projectos de investigação do próprio Departamento. Fomos, até certo ponto, os primeiros a usar uma forma de aprendizagem hoje corrente na Escola de Saúde Pública, mas menos aplicada na época em que a instituímos no Instituto de Ciências Biomédicas do Campo de Santana.

Começámos a ter sérias dificuldades para o ensino quando o número de assistentes e monitores se foi reduzindo, principalmente por razões do serviço médico à periferia.

A tarefa terminou em 1978, quando a Direcção do Instituto de Ciências Biomédicas foi substituída por uma Comissão Instaladora, a Ecologia Médica foi extinta e foram afastados todos os professores não doutorados. Penso que dei bom cumprimento a uma tarefa que não foi fácil e lamento que ela tivesse terminado, embora, fisicamente, começasse a pesar-me o grande esforço a que ela me obrigava.

53. Nesta mesma época, ano lectivo 1974-1975, colaborei com GONÇALVES FERREIRA e ALOÍSIO COELHO no ensino de Higiene aos alunos do 4º ano da Faculdade de Medicina de Lisboa. Algum tempo depois fui solicitada, e depois de mim outros professores da Escola de Saúde Pública, para reger a Cadeira de Higiene da Faculdade. Nenhum de nós, ALOÍSIO COELHO, CAYOLLA DA MOTTA e eu própria, pudemos encarregar-nos da tarefa e indicámos o nome de CONSTANTINO SAKELLARIDES, recém-chegado do Estados Unidos da América, onde se doutorara. SAKELLARIDES aceitou o encargo mas esperou demasiado pela regularização da sua situação e, algum tempo depois, pedia escusa da tarefa.

54. Desde 1956, e durante muito anos, ensinei em várias Escolas de Enfermagem de Lisboa, tanto oficiais como particulares — E.E. Artur Ravara, E. E. das Missionárias de Maria, E.E. de S. Vicente de Paula, E.E. da Cruz Vermelha Portuguesa, Escola Técnica de Enfermeiras, Escola de Enfermagem de Saúde Pública e Escola de Ensino e Administração de Enfermagem. Ensinei cursos normais e de pós-graduação em matérias várias, — Saúde Pública, Doenças Infecto Contagiosas, Nutrição e Microbiologia.

Creio que foi um trabalho benéfico para ambas as partes. Por um lado, contribuiu para difundir entre o grupo profissional dos enfermeiros o conceito moderno de saúde e de doença. Os profissionais de enfermagem compreenderam, mais cedo do que qualquer outro grupo de técnicos de saúde, os médicos incluídos, a importância da saúde e a necessidade da articulação de medidas curativas com medidas preventivas e de promoção, bem como o valor do trabalho conjunto de vários tipos de técnicos para a alcançar. Por outro lado, os enfermeiros contribuíram para a minha formação. Muitas das capacidades de organização que pos-

suo devo-as em grande parte, ao exemplo que me deram.

É-me grato registar o meu respeito por um grupo profissional no qual conto grandes e sinceras amizades, sendo muitas entre aqueles que foram meus alunos.

55. Candidato-me ao lugar de Professor Catedrático da Cadeira de Microbiologia Sanitária, de que sou encarregada. Por esta razão, penso que é necessário explicitar um pouco o que tem sido a minha actividade na área do ensino, neste últimos três anos, na Escola Nacional de Saúde Pública.

Uma primeira referência ao programa que apresentei no concurso para professor associado, em 1983.

O programa era destinado a médicos, já conhecedores da linguagem da microbiologia aprendida na Faculdade, mas com poucas, ou nenhuma, noções de microbiologia aplicada ao estudo da doença e não do doente; foi construído sobre alguns princípios que me pareciam — e parecem — fundamentais, nomeadamente a importância das doenças transmissíveis nos nossos dias, em termos de morbidade e também de mortalidade, a necessidade de se estabelecerem programas de vigilância epidemiológica nos quais o laboratório tem um papel preponderante e a convicção do maior valor da formação — que inclui uma utilização correcta do laboratório — sobre a informação que, essa, se pode adquirir em qualquer livro de texto ou revista da especialidade.

Propus um programa com um número de horas (72) um pouco superior às que ultimamente são concedidas à Cadeira (54), condensadas em pouco mais de três semanas. Grande parte do programa seria ministrado no próprio laboratório e um elevado número de horas seria dedicado a trabalhos de grupo, muitos dos quais faziam apelo à colaboração de outras Cadeiras, integrando, desta maneira, o ensino, o que constitui — assim o dizem — uma aspiração da Escola.

Entretanto, foram-me concedidas as horas habituais, em períodos de 3 horas, espaçadas de uma semana, o que não permite a desejada e pretendida vivência do laboratório. Tão-pouco conseguimos a integração de matérias, como desejávamos.

Do meu ponto de vista, esta situação deve-se, por um lado, a um relativo divórcio entre a Cadeira nuclear do Curso de Saúde Pública e as cadeiras que lhe dão apoio e, por outro, à dispersão dos docentes que não permite nem que as aulas se concentrem num curto período de tempo, nem a integração do ensino, que seria desejável.

No entanto, temos conseguido fazer um ensino/aprendizagem com grande participação dos discentes, quer em intervenções nas aulas, sempre solicitadas, quer em trabalhos de grupo em que os alunos são acompanhados pelos docentes da Cadeira, ou por técnicos do INSA mais directamente ligados ao assunto em estudo que, além de ensinamentos teóricos, tentam, sempre que possível, mostrar as técnicas laboratoriais e dão indicações quanto aos resultados, em termos clínicos e epidemiológicos.

Por outro lado, tentamos, em cada dia de aula, conhecer a opinião dos alunos tanto sobre os aspectos positivos como sobre os aspectos negativos da mesma. Esta avaliação, não a fazemos por mero exercício académico mas, e principalmente, para introduzirmos pequenas alterações sempre que as consideramos oportunas e possíveis. Um dos pontos positivos mais frequentemente indicado diz respeito à própria iniciativa, salientando-se o facto de a Cadeira não temer o julgamento dos alunos e o de atender às suas sugestões e críticas.

No final do curso pedimos a avaliação global do ensino que, então, incide sobre 3 pontos — a adequação do ensino aos objectivos do programa, a metodologia seguida e a bibliografia indicada. Esta avaliação final, após a sua análise, tem-nos servido para orientação da elaboração do programa de cursos seguintes.

De uma maneira geral, é lamentada a pouca permanência no laboratório.

56. Temos vindo a travar uma outra, ainda que pequena, luta no sentido de introduzir o ensino da Microbiologia Sanitária/Controlo de Doenças Transmissíveis, em outros cursos normais da Escola. Esta nossa luta não tem por objectivo "dar mais horas" ou "preencher o nosso tempo". Pensamos, sim, que a aprendizagem desta matéria ajudará, por um lado, os Médicos do Trabalho a estabelecerem programas de prevenção e vigilância das doenças transmissíveis que são mais frequentes na idade adulta e, por outro, ajudará os Administradores dos Hospitais a compreenderem melhor o ambiente hospitalar e, conseqüentemente, a actuarem melhor no seu posto de trabalho. O controlo da infecção é hoje o ponto quente da vida hospitalar, e um problema a que os nossos administradores não deveriam estar alheios.

57. Tenho também participado quer na Escola, quer no Instituto, na orientação e organização de acções de formação dirigidas a Clínicos gerais, em assuntos de Microbiologia, Controlo de Doenças Transmissíveis e de Gestão de Laboratórios. São acções de formação curtas, mas em que procuramos, fundamentalmente, que os que as frequentam entendam quer, a grande importância da vigilância epidemiológica da doença infecciosa, quer o valor de uma correcta e moderna gestão dos laboratórios.

Penso que temos conseguido os nossos objectivos.

58. As acções que indiquei, e outras, estão condensadas no capítulo seguinte — Elementos Curriculares — que, já o escrevi na Introdução, são apresentadas com pormenor suficiente para que se possa avaliar a sua importância e o papel que nelas desempenhei.

PARTICIPAÇÃO EM REUNIÕES INTERNACIONAIS

1956 - REUNIÃO sobre "PROBLEMAS DE LABORATÓRIOS DE SAÚDE PÚBLICA DE DOENÇAS POR VÍRUS E RICKETTSIAS". Organização Mundial de Saúde, Madrid. Representação do País. Bolsa da OMS.

A reunião que se destinou a países europeus da bacia do Mediterrâneo e africanos, teve por finalidades demonstrar a necessidade de que nos países em questão se estabelecessem e desenvolvessem facilidades de diagnóstico virológico; dar orientação sobre métodos de diagnóstico virológico clássicos e recentes; promover a integração das actividades de diagnóstico viral com as de diagnóstico bacteriológico existentes.

Esta última finalidade constituiu, sem dúvida, o tema central da Reunião. Foi repetidamente acentuado que a ligação dos dois laboratórios era de benefício mútuo – em termos de Saúde Pública as duas actividades, bacteriológicas e virológicas, devem ser igualmente consideradas e de modo algum o desenvolvimento de um serviço de virologia deverá significar um relaxamento das actividades bacteriológicas ou vice versa. Pouco tempo depois desta Reunião fui convidada pela Universidade de Miami para integrar, durante dois anos, uma equipe de estudo sobre o dengue, como *visiting research scholar*. Por razões pessoais rescindi o contrato.

1967 - SIMPÓSIO EUROPEU sobre "A UTILIZAÇÃO DE PRIMATAS NÃO HUMANOS EM MEDICINA". Organização Mundial de Saúde/Instituto Nacional de Saúde e Investigação Médica de Paris/Faculdade Mista de Medicina e Farmácia de Lyon, Lyon. Representação do País. Bolsa da OMS.

Foi uma reunião de grande interesse tanto pelos assuntos versados como pela variedade de investigadores – biólogos, médicos, sociólogos e outros – que nela intervieram.

1974 - REUNIÃO sobre "A PREVENÇÃO DA DISSEMINAÇÃO ENTRE PAÍSES DE DOENÇAS INFECCIOSAS". Bureau Regional da Europa da Organização Mundial de Saúde, Esmirna. Representação do País. Bolsa da OMS. Nesta reunião, foram particularmente discutidos o papel dos turistas, trabalhadores migrantes e outros elementos da população e o intercâmbio de produtos alimentares, na disseminação de doenças infecciosas. Tomaram-se em consideração outros factores no contexto mais lato da prevenção das doenças infecciosas e da promoção da saúde das populações. No final, foram elaboradas várias recomendações de carácter geral e específicas em relação a turistas, trabalhadores migrantes e comércio de alimentos, já publicadas pela OMS.

A minha contribuição para esta reunião foi muito positiva. Foi a partir da minha intervenção, no segundo dia dos trabalhos, que o papel dos trabalhadores migrantes deixou de ser considerado apenas no aspecto de possíveis transmissores de doenças; passou-se a considerar, também, o seu papel de vítima das condições de vida que por vezes encontram nos países para onde emigram.

1975 - Participação na 28ª ASSEMBLEIA MUNDIAL DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde, Genebra.

1976 - Participação na 29ª ASSEMBLEIA MUNDIAL DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde, Genebra

1977 - Participação na 30ª ASSEMBLEIA MUNDIAL DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde, Genebra.

1979 - Participação na 32ª ASSEMBLEIA MUNDIAL DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde, Genebra.

1980 - PRIMEIRA REUNIÃO DOS COORDENADORES DOS CENTROS DE REGISTO DO PROJECTO EUROCAT (CEE)

Participação com o estatuto de observador. Bruxelas.

1980 - SIMPÓSIO SOBRE PNEUMOCOCOS.

Serviço de Microbiologia do Centro Ramon y Cajal, Madrid.

1980 - SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE VÍRUS RESPIRATÓRIOS. Bureau Regional da Europa da Organização Mundial de Saúde, Madrid. Representação do País - Bolsa da OMS.

As finalidades desta reunião foram:

- avaliar a importância das infecções respiratórias virais nos países da Região Europeia;
- discutir métodos simplificados de vigilância, em especial as técnicas laboratoriais de diagnóstico rápido e a melhoria da colaboração entre os diferentes serviços envolvidos (clínicos, epidemiológicos e laboratoriais), tanto a nível nacional como internacional;
- rever as políticas recentes na prevenção, tratamento e controlo das infecções respiratórias virais agudas;
- discutir a colaboração entre países e o papel da OMS.

1980 - SIMPÓSIO SOBRE PATOLOGIA FETAL E PERINATAL, Sheffield.

Reunião organizada pelos Coordenadores do PROJECTO EUROCAT com o objectivo de:

- rever os métodos apropriados para o exame de nado mortos e de fetos de diferente idade gestacional;
- estabelecer linhas orientadoras para os anatómo-patologistas com o fim de ser uniformizado um método de exame post mortem. Durante a reunião desenvolvi o tema "A patologia fetal do ponto de vista do virologista".

1981 - Participação na 34ª ASSEMBLEIA MUNDIAL DE SAÚDE. Organização Mundial de Saúde, Genebra.

1981 - SEGUNDA REUNIÃO DOS COORDENADORES DOS CENTROS DE REGISTO DO PROJECTO EUROCAT (CEE), Atenas.

1982 - REUNIÃO DE TÉCNICOS RESPONSÁVEIS POR DOENÇAS INFECCIOSAS NA EUROPA. Bureau Regional da Europa da Organização Mundial de Saúde, Copenhague. Representação do País. Bolsa da OMS. Esta Reunião teve por fim discutir as tendências actuais das doenças infecciosas e as perspectivas da sua evolução.

As suas finalidades foram:

- definir o papel da Organização Mundial de Saúde (Bureau Regional da Europa) na promoção da vigilância das doenças infecciosas e do seu controlo;
- determinar prioridades tanto de política geral como de estratégias;
- rever as necessidades de investigação que podem ser suportadas pela Organização;
- fazer propostas para os próximos quatro anos de trabalho da Organização.

O grupo concluiu que as doenças infecciosas continuam a ter grande importância na Região Europeia pelo que o Bureau Regional deve dar grande prioridade à coordenação das actividades que têm a ver com a vigilância, o controlo, o treino e a investigação nas doenças infecciosas.

O interesse desta reunião para quem, de há muito, defende a necessidade da criação no País de um Centro de Vigilância das Doenças Infecciosas não é, creio, necessário acentuar.

1983 - WORKSHOP sobre LABORATORY MANAGEMENT. Bureau Regional da Europa da Organização Mundial de Saúde, Lisboa. Consultor temporário da OMS. Apresentação do tema "Recruitment and selection".

1983 - SECOND EUROPEAN SEMINAR FOR LEADING PUBLIC HEALTH FOR ALL BY THE YEAR 2000. Bureau Regional da Europa da Organização Mundial de Saúde, Oslo. Representação do País. Bolsa da OMS.

1983. Reunião Europeia sobre SIDA, (OMS, Sociedade Dinamarquesa do Cancro, Organização Europeia para a Prevenção do Cancro). Aarhus, 19-21/Out. 1983

1985 - "Workshop on Appropriate Technology for Primary Health Care Development" (WHO Global Programme for Appropriate Health Care Technology). Lisboa 11-14, Nov.

Delegado português ao COMAC.HSR (Comité de Acção Concertada "Investigação em Serviços de Saúde"), CEE, de Janeiro a Outubro de 1986.

Presidente do referido COMAC de Outubro de 1986 a Dezembro de 1991.

Delegado português ao Working Group on AIDS, CEE, de 1988 a Dezembro de 1991.

Delegado português ao Grupo ad hoc SIDA, CEE, de 1988 a Dezembro de 1991.

Participou em numerosas reuniões:

1986 - COMAC. HSR, Bruxelas, 8/Janeiro

COMAC Epidemiologia, Bruxelas, 13/Março.

"Epidemiologia da SIDA", OMS, Graz, 7-9/Abril

"Segurança do Sangue e seus Produtos", OMS, Genève, 14-18/Abril.

COMAC SIDA, Paris, 5/Setembro

COMAC.HSR, Bruxelas, 25 /Setembro

1987 - COMAC.HSR, Bruxelas, 12/Janeiro

Reunião dos Representantes das Autoridades Nacionais Competentes em Matéria de SIDA, CEE, Luxemburgo, 28/Janeiro. Falou sobre a situação em Portugal

Reunião do Bureau Regional da Europa da OMS: "Diagnóstico e Controlo da SIDA", Munique, 16-19/Março.

COMAC.HSR, Bruxelas, 1/Abril

COMAC. HSR, Bruxelas, 5/Junho

COMAC.HSR. Bruxelas, 24/Junho

PMG Epidemiologia, Bruxelas, 20/Agosto.

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 16/Setembro.

COMAC.HSR, Bruxelas, 25/Setembro

Epidemiologia, OMS, Paris, 22-24/Outubro

PMG SIDA, Paris, 23-24/Novembro

Working Group on AIDS, Bruxelas, 16/Dezembro.

1988 - COMAC.HSR. Bruxelas, 14/Janeiro

Participou no "World Summit of Ministers of Health on Programmes for AIDS Prevention", Londres, 26-30/Janeiro. "Declaração de Londres".

Reunião sobre SIDA, OMS, Checoslováquia, 17-20/Fevereiro.

PMG Epidemiologia, OMS, Paris, 26/Fevereiro.

CGC, Bruxelas, 8/Março

Simpósio sobre Vacinas da SIDA, Oxford, 11/16/Abril

COMAC.HSR, Bruxelas, 21-22/Abril

Reunião da OMS sobre SIDA, Oslo, 26-29/Abril

CGC, Bruxelas, 16-17/Junho

PMG Epidemiologia, Paris, 24/Junho.

"Workshop on Control and Prevention of AIDS", Berlim, 27-29/Junho

Workshop sobre Grávidas e Recém-nascidos, CEE, Luxemburgo, 7-9/Setembro

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 12-14/Setembro

COMAC.HSR, Bruxelas, 15-16/Setembro

COMAC.HSR., Bruxelas, 26/Outubro

CGC, Bruxelas, 8/Novembro

COMAC.HSR, Bruxelas, 15-16/Novembro

Reunião em Lisboa da "European Task Force on AIDS", 17/Novembro.

COMAC.HSR., Bruxelas, 15-16/Dezembro

1989 - Working Group on AIDS, Bruxelas 19-20/Janeiro. Declaração de Intenção.

PMG Epidemiologia, Paris, 2-3/Fevereiro

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 8-9/Março: "Prevalência da SIDA nos países em Desenvolvimento."

CGC, Bruxelas, 10/Março.

"European Meeting on HIV seropositivity and AIDS Prevention and Control", OMS, Moscovo. 14-17/Março. (em representação de Portugal com M.F. Avillez)

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 21/Março

Grupo ad-hoc SIDA, Bruxelas, 12/Abril

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 25/Abril

Reunião, convocada pelo Presidente Mitterand, do "Comité Internacional de Ética sobre a SIDA", com representantes da CEE e dos países industrializados. Paris, 15/16/Maio (em representação de Portugal com o Prof. Luís Archer)

COMAC.HSR, Bruxelas e Bruges, 17-20/Maio

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 30/Maio

CGC, Bruxelas, 15-16/Junho

Reunião SIDA, OMS, Copenhage, 4-5/Julho

PMG Epidemiologia, Paris 11-13/Julho

COMAC.HSR, Bruxelas, 22/Agosto

PMG Epidemiologia, Paris, 28-29/Agosto

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 13/Setembro

COMAC.HSR, Bruxelas, 14 -15/Setembro

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 2-3/Outubro

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 18/Outubro

Steering Group SIDA, Bruxelas, 23/Outubro

CGC. Bruxelas, 6/Novembro

PMG Epidemiologia, Paris, 16-17/Novembro

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 12-13/Dezembro

Grupo de Malformações Congénitas, CEE, Bruxelas, 13/Dezembro

COMAC. HSR, Bruxelas, 14-15/Dezembro.

1990 - PMG Epidemiologia, Paris, 15/Janeiro

Steering Group, OMS, Lisboa, 31/Janeiro-2/Fevereiro

PMG Epidemiologia, Paris 19-20/Fevereiro

Grupo ad hoc SIDA, Paris, 21/Fevereiro

CGC, Dublin, 7-8/Março

CGC, Bruxelas, 9-10/Março

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 28-29/Março

"Health for All in the Year 2000", OMS, Amsterdam, 10-12/Abril.

COMAC.HSR, Bruxelas, 19-20/Abril

Reunião na UNESCO sobre SIDA, Paris, 25-26/Abril

PMG Epidemiologia, OMS, Paris, 14-15/Maio.

"WHO European Regional Meeting on Psychosocial Aspects of HIV/AIDS and Evaluation of Preventive Strategies", Lisboa (INSA), 28/Maio - 1/Junho (Foi Chairperson).

CGC, Bruxelas, 11-12/Junho

COMAC. HSR, Bruxelas, 27-28/Setembro

"Assessing AIDS Prevention", (WHO PMG, EC Working Party on AIDS, Swiss Institute of Public Health), Montreux, 29/Outubro - 1 /Novembro.

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 15-16 /Novembro

Working Party on AIDS, Bruxelas, 11-12 /Dezembro

COMAC.HSR, Colónia, 14-15/Dezembro.

1991. PMG Epidemiologia, OMS, Paris, 21-22/Janeiro

Grupo ad hoc SIDA: "A Europa contra a SIDA", Bruxelas, 23-24/Janeiro (com A. Leitão).

Grupo ad hoc SIDA: "A Europa contra a SIDA", Bruxelas, 5-6/Fevereiro

Grupo ad hoc SIDA: Bruxelas, 28/Fevereiro

Grupo ad hoc SIDA, Bruxelas, 7/Março

CGC, Medical and Health Research, Bruxelas, 8/Março

Working Group on AIDS, Bruxelas, 13/Março.

Reunião da "Task Force para ajuda a países do Centro e Leste da Europa", CEE, Bruxelas, 18/Março.

Grupo ad hoc SIDA: "A Europa contra a SIDA", Bruxelas, 25/Março

"Promoting Sexual Health: International Workshop on Prevention of Sexual Transmission of AIDS and STDS", Robinson College, Cambridge, 26-27 Março.(com J. Torgal, Santos Pardal, Santos Lucas, J. Cardoso)

PMG Epidemiologia, OMS, Paris, 15-16/Abril

Grupo ad hoc SIDA = Versão final de "A Europa contra a SIDA", Bruxelas, 18/Abril.

COMAC.HSR, Bruxelas, 18-19/Abril

Workshop do Projecto de Investigação Europeu: "Tipping the Balance Towards Primary Health Care", Lisboa. Escola Nacional de Saúde Pública, 27-28/Maio.

CGC (Comité de Gestion et Coordination) Medical and Health Research, CEE, Bruxelas, 10-11/Junho.

26ª Reunião do Working Party on Aids, Florença, 15-16/Junho

PMG Epidemiologia, OMS, Florença, 19/Junho.

Biomedical and Health Research Programme: 2nd Meeting of PRE-CAN-MED and PRE-COOP-COM, Bruxelas, 22/Julho. Presente na qualidade de perito.

41ª Sessão do Bureau da Europa da OMS, Lisboa, 10-14/Setembro

PMG Epidemiologia. OMS, Paris, 16-17/Setembro. Foi elaborada a Declaração sobre Novos Critérios para o Diagnóstico da SIDA, propostos pelos CDC.

COMAC.HSR, Bruxelas, 26-27/Setembro

27ª Reunião do Working Party on AIDS, Bruxelas, 16-17/Outubro

Reunião ad hoc SIDA, Bruxelas, 22-23/Outubro

Reunião do EUROPEAN COMMUNITY CONCERTED ACTION ON SEXUAL BEHAVIOUR AND RISKS OF HIV INFECTION, Sesimbra, 31/Outubro - 2/Novembro. Apresentou uma comunicação.

Reunião convocada por J. Mann para preparar o VII Congresso Internacional da SIDA a realizar-se em Amsterdam, em Julho de 1992. Amsterdam, 18-19/Novembro.

Reunião do COMAC.HSR no University College Hospital. Fez discurso de despedida, pois deixava a Presidência no fim do ano. Londres, 13-14/Dezembro.

CONGRESSOS, JORNADAS, REUNIÕES CIENTÍFICAS

1957 - QUARTA CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE POLIOMIELITE. Congresso Internacional de Poliomielite em cooperação com o Instituto de Higiene da Universidade de Genebra. Genebra. No regresso da Conferência visitei Londres, donde saíra havia dois anos, e fiz um estágio de alguns dias no Laboratório de Colindale. Tínhamos iniciado, havia pouco, o estudo da poliomielite. Os médicos portugueses começavam a interessar-se pela vacina anti-poliomielite e as opiniões dividiam-se. Foi a partir desta minha visita que começámos a organizar o inquérito serológico referido no Capítulo "Investigação" e que terminámos em 1960.

1958 - SEXTOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE MEDICINA TROPICAL E MALARIA. Lisboa. Secretária das Secções "Infecções virais respiratórias" e "Infecções virais entéricas".

- SEGUNDA REUNIÃO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE BIOQUÍMICA. Lisboa. Apresentação de um trabalho (em colaboração), intitulado "Análise antigénica das estirpes de gripe isoladas em Portugal na epidemia de 1957".

1960 - SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS. Lisboa.

Apresentação de dois trabalhos sobre tracoma (em colaboração), intitulados:

- "Aspectos laboratoriais do tracoma em Portugal".

- "Isolamento do vírus do tracoma em doentes portugueses".

1961 - SOCIEDADE DAS CIÊNCIAS MÉDICAS. Lisboa.

Apresentação de trabalhos sobre poliomielite (em colaboração), intitulados:

- "Aspectos epidemiológicos da poliomielite em Portugal" (Prémio Sanitas, 1961)

"Estirpes de vírus da poliomielite no Laboratório de Virologia do Instituto Superior de Higiene".

1963 - SÉTIMOS CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE MEDICINA TROPICAL E MALÁRIA. Rio de Janeiro

Por não me ter sido dado apoio financeiro não me foi possível aceitar o convite que me foi dirigido para participar neste Congresso. Enviei, no entanto, uma comunicação que foi lida pelo Professor ARNALDO SAMPAIO: "Tracoma em Portugal".

1964 - Convidada para secretariar uma Secção do 9º CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTANDARDIZAÇÃO MICROBIOLÓGICA. Lisboa.

1966 - MESA REDONDA sobre ENTEROPATIAS AGUDAS NA INFÂNCIA: Desenvolvimento do tema "Enteropatias de natureza vírica". Centro de Saúde e Assistência Materno Infantil Dr. Bissaya Barreto, Coimbra.

1969 - MESA REDONDA sobre A PANDEMIA DE GRIPE A2 HONG-KONG/68. Desenvolvimento do tema "Epidemiologia e prevenção". Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, Lisboa.

1970 - CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE A APLICAÇÃO DE VACINAS CONTRA DOENÇAS HUMANAS POR VÍRUS, RICKETTSIAS E BACTÉRIAS, Washington. Convidada a participar como observadora. Mais uma vez, por falta de apoio financeiro, não me foi possível participar numa reunião de grande interesse em que se discutiram os problemas de Saúde Pública ligados às doenças infecciosas e se fez um exame dos complexos factores envolvidos na aplicação de vacinas.

1972 - JORNADAS PEDIÁTRICAS, Funchal. Desenvolvimento do tema "O papel do labo-

ratório no diagnóstico das doenças transmissíveis por vírus com especial interesse em pediatria".

1973 - SEMINÁRIO sobre PADRÕES HOSPITALARES MÍNIMOS. Desenvolvimento do tema "O hospital como Centro de Saúde Urbano".

Associação médica portuguesa para o estudo das condições de vida e saúde, Lisboa.

- REUNIÃO sobre INSTITUTOS NACIONAIS DE SAÚDE: AS SUAS ATRIBUIÇÕES NA INVESTIGAÇÃO EM SAÚDE. Instituto Nacional de Saúde, Lisboa. Secretariado das Mesas Redondas.

1975 - TERCEIRO CONGRESSO INTERNACIONAL DE VIROLOGIA, Madrid.

- TERCEIRA REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE IMUNOLOGIA, Lisboa. Participação na Mesa-Redonda sobre "Imunologia Clínica. Perspectivas práticas".

1977 - PRIMEIRAS JORNADAS DE DOENÇAS INFECCIOSAS, Lisboa. Organização e moderação da Mesa-Redonda sobre "Aspectos clínicos e epidemiológicos das Doenças Transmissíveis".

1979 - SEGUNDAS JORNADAS DE DOENÇAS INFECCIOSAS, Porto. Participação na Mesa-Redonda, moderada por ALOÍSIO M. COELHO, sobre "As doenças víricas: uma perspectiva de Saúde Pública." Desenvolvimento do tema "Malformações congénitas por infecção vírica".

1980 - PRIMEIRAS JORNADAS DA ACTA MÉDICA PORTUGUESA, Lisboa.

- Organização e moderação da Mesa-Redonda sobre Vírus de insuficiência respiratória. Desenvolvimento do tema "Vírus respiratórias. Aspectos clínicos, epidemiológicos e terapêuticos".

- Participação na Mesa-Redonda sobre Vacinas antimicrobianas e anti-tóxicas. Desenvolvimento do tema "Imunização contra as doenças a vírus".

- TERCEIRAS JORNADAS DE DOENÇAS INFECCIOSAS, Coimbra.

- Organização e moderação da Mesa-Redonda sobre Aquisições recentes em Virologia. Desenvolvimento do Tema "Profílixia das doenças virais".

- Comunicação livre com o título "Erradicação da varíola. Considerações sobre a vacinação antivariólica".

- QUARTO CONGRESSO NACIONAL DE MEDICINA, Lisboa.

- Participação na organização das Mesas-Redondas a cargo do Instituto Nacional de Saúde.

- Apresentação do tema "Doenças Infecciosas e Parasitárias".

1981 - PRIMEIRAS JORNADAS DE SAÚDE PÚBLICA, Lisboa.

- Moderação da segunda parte da Mesa-Redonda sobre perspectivas e prática de Saúde Pública.

- Participação na Mesa-Redonda sobre Investigação em Saúde Pública. Apresentação do trabalho "Malformações congénitas por infecções uterinas".

1982 - I REUNIÃO DO CENTRO DE METABOLISMO E GENÉTICA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, Lisboa. Apresentação de uma comunicação intitulada "Registo Nacional das Malformações congénitas (dados preliminares)".

- PRIMEIRAS JORNADAS DE PLANEAMENTO DA SAÚDE, Lisboa.

Membro da Comissão Científica.

- SESSÃO DE HOMENAGEM AO PROFESSOR F. A. GONÇALVES FERREIRA. INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE, Lisboa.

- Participação na organização da Reunião Científica subordinada ao tema "O desenvolvimento da Saúde em Portugal nas últimas décadas".

- Participação na Mesa-Redonda "Contribuição do Instituto Nacional de Saúde" - desenvolvimento do tema "Investigação".

- Elaboração das Conclusões.

1983 - SEGUNDAS JORNADAS DE SAÚDE PÚBLICA, Lisboa. Membro da Comissão Científica.

- STUDY ON PRIMARY CARE IN SOUTHERN EUROPE. Estudo coordenado por A. Correia de Campos, realizado pela OMS, Praia Grande. Participação no Painel de individualidades portuguesas.

1984 - WORKSHOP SOBRE A CORRECTA UTILIZAÇÃO DO LABORATÓRIO. Integrado no Programa de Cooperação Portugal/OMS. Coordenação de Aloíso Coelho. O objectivo desta reunião foi o de permitir uma discussão entre os médicos que requisitam análises e os técnicos que as executam no sentido de uma correcta utilização do Laboratório não só no aspecto técnico mas também considerando os aspectos financeiros. Participação na organização e realização do Workshop, e na elaboração das Conclusões e Recomendações.

- III JORNADAS DE SAÚDE PÚBLICA, Lisboa.

- Conferência intitulada "Cuidados Primários de Saúde - contribuição de Arnaldo Sampaio" (em colaboração com J. Lopes Dias).

- Moderador de uma Sessão de Comunicações Livres.

- SEGUNDO CONGRESSO DE DOENÇAS INFECCIOSAS DOS PAÍSES DE EXPRESSÃO PORTUGUESA, Lisboa.

- Comunicações livres com os títulos "Malformações Congénitas - papel das infecções na sua génese. Estudo de 1500

casos. Anos de 1981-82-83", e "Prevalência de anticorpos antivírus citomegálicos na população portuguesa".

- O DIA DO INSTITUTO

Participação na organização da reunião.

Encarregada, com Aloísio Coelho, de elaborar os comentários à Conferência de Gonçalves Ferreira subordinada ao título "A saúde da população portuguesa: a perspectiva na segunda era da Saúde Pública".

- Elaboração das conclusões da reunião.

- CURSO SOBRE DOENÇAS TRANSMITIDAS SEXUALMENTE, Organizado pela Clínica Dermatológica Universitária, Hospital de Santa Maria, Lisboa.

- Apresentação do tema "Doenças provocadas por vírus - agentes etiológicos" (em colaboração com Maria Francisca Avillez).

- SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A VACINAÇÃO ANTI-VARICELA, Munique.

1985 - SIMPÓSIO SOBRE INFECÇÕES PELO VÍRUS DO HERPES, Lisboa.

Participação na Mesa-Redonda sobre infecções pelo vírus do herpes apresentando o tema "Diagnóstico Laboratorial".

- SEMINÁRIO SOBRE ETIOLOGIA DAS CARDIOPATIAS CONGÉNITAS, Lisboa. Organizado pela Unidade de Cardiologia Pediátrica, Dra. Fernanda Sampayo.

- Moderação de uma Mesa-Redonda

- Apresentação de um trabalho intitulado "Cardiopatias Congénitas por infecções uterinas, 1980-81-82".

- REUNIÃO SOBRE TEMAS PEDIÁTRICOS, (TEMA: ANOMALIAS CONGÉNITAS), Setúbal. Organizada pelo Serviço de Pediatria do Hospital Distrital de Setúbal. Apresentação do tema "Epidemiologia e Diagnóstico Laboratorial" (em colaboração com Guida Boavida).

1986 - 11º Aniversário da Sociedade Portuguesa de Microbiologia. Encontro científico no Inst. Câmara Pestana, 7/Janeiro. Dissertou sobre "Tendências actuais das Infecções Virais. Perspectivas Futuras."

Reunião em Faro sobre SIDA. 20/Fevereiro

Simpósio Internacional Sobre SIDA, Lisboa, 25/Março, na Fundação Gulbenkian. Na Mesa Redonda sobre etiologia, imunologia e epidemiologia da SIDA.

"Encontro Nacional de Investigação em Saúde", Sesimbra, 20-22/Abril.

II Congreso Internacional sobre SIDA. Paris, Junho.

Congresso em Madrid, 1-4/Dezembro. Dissertou sobre: "The Organization of Health Services in Portugal".

1987 - Workshop sobre Biotecnologia, Lisboa, 21/Abril

Simpósio sobre SIDA, Lisboa, Forum Picoas, 30/Abril

V Jornadas de Doenças Infecciosas, Coimbra, 7/Maio. Moderou uma Mesa Redonda sobre Sida e apresentou duas comunicações livres em colaboração com M.F. Avillez e A.M. Pista: "Prevalência de anticorpos anti-HIV-1: Análise de 1000 soros estudados" e "Detecção de anticorpos HIV pelo método ELISA usando kits de diferente proveniência".

Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica, (JNICT), Lisboa, Forum Picoas, 11-15/Maio. No Painel sobre "Investigação em Saúde Pública", presidido pelo Prof. A. M. Coelho, dissertou sobre "Doenças Infecciosas".

Reunião da Confederação Nacional das Associações de Família, sobre "A Família na

Prevenção da SIDA". Dissertou sobre "Problemas Epidemiológicos", Lisboa. INSA, 23/Maio.

"Jornadas sobre a Vacinação na Hepatite B", Amsterdam, 5-6/Novembro.

Reunião do ECCLS em Copenhage, 7/Novembro

Colóquio sobre SIDA no Instituto Franco-Português em Lisboa, 16/Novembro.

"Wellcome International Antiviral Symposium", Montecarlo, 2-4/Dezembro.

Centro de Formação de Seguros: Jornada de Informação sobre SIDA, Lisboa, 8/Dezembro.

Congresso de Toxicomanias, Aula Magna, Univ. Lisboa, 10-12/Dezembro. Orientou Mesa Redonda sobre "SIDA e Toxicomanias".

1988 - VII Congresso de Clínicos Gerais, Lisboa, 1/Março. Falou sobre SIDA.

Jornadas de Clínica Geral, Viseu, 24/Março.

Simpósio sobre SIDA, Hospital Militar, Évora, 5/Março. Dissertou sobre "Epidemiologia e Prevenção"

Congresso de Doenças Infecciosas nos Açores, Angra do Heroísmo, 7-9/Abril. Comunicação: "Epidemiologia da SIDA"

I Jornadas sobre SIDA, Hospital Distrital de Évora, 15-16/Abril. Comunicação: "Epidemiologia e Profilaxia da SIDA".

IV Congresso Internacional sobre SIDA, Estocolmo, 11-15/Junho. Apresentação de vários posters pelo Serviço.

Congresso Médico no Funchal, 3-8/Outubro. Comunicação sobre "Epidemiologia da SIDA".

DIA DA SIDA. Exposição na Direcção Geral do Turismo (Restauradores), 28-30/Novembro.

DIA DA SIDA: Palestra no INSA., 30/Novembro.

1989 - IV Jornadas Internacionais de Perinatologia, Lisboa, Janeiro. Comunicação: "O Problema da SIDA perinatal. Prevalência de anticorpos anti-HIV-1 e anti-HIV-2 em mulheres atendidas na Maternidade Magalhães Coutinho", em colaboração com M. Antunes, M.F. Avillez, C. Furtado, L.M. Pereira.

Jornadas sobre Ética em Medicina, Fac. de Medicina de Lisboa, 7-8/Abril. Comunicação "Segredo Médico e SIDA".

II Encontro Nacional de Investigação em Saúde, Universidade Nova de Lisboa, 13/15/Abril. Moderou Mesa Redonda sobre "SIDA e DTS".

V Congresso Internacional sobre SIDA, Montreal, 3-9/Junho" Apresentaram-se dois posters: "Prevalence of HIV-1 and HIV-2 antibodies in individuals attending a Clinic for S.T.D. A two year follow-up" (J. Cardoso, M. F. Avillez, I. Santo, A. Pista, L. Ayres); "Epidemiology of AIDS in Portugal" (L. Ayres, A. Pista, A. Benito Garcia, C. Furtado, M.F. Avillez).

Congresso de Medicina nos Açores, Horta (Faial), 21-26/Junho

I Jornadas de Medicina Interna da Zona Sul, Lisboa, Hotel Alfa, 11/Novembro: Mesa Redonda sobre SIDA.

- DIA DA SIDA, 30/Novembro, Lisboa

1990 - Visita de Jonathan Mann. Reunião no INSA, 8/Janeiro

Workshop, 28/Fevereiro - 4/Março

III Encontro das Taipas e I Simpósio Internacional., Lisboa. Comunicação em colaboração: "Pesquisa de Anticorpos Anti-HIV e marcadores de Hepatite B e delta em Indivíduos Toxicodependentes atendidos no Centro das Taipas. Estudo de três anos."

Colóquio: "A Criança e a SIDA", Hospital D. Estefânia, Lisboa, 30/Março.

"SIDA: Anos 90". I Congresso Internacional sobre SIDA., Coimbra, Faculdade de Medicina, 6-8/Abril.

"Comissão da Juventude", Assembleia da República. Seminário sobre Toxicodependência: Riscos e Agentes. Comunicação: "O Apoio aos Doentes da SIDA: Responsabilidade Institucional e Responsabilidade Social", 11-12/Maio.

I Jornadas Multidisciplinares das Doenças Sexualmente Transmitidas, Lisboa.

VI Congresso Internacional Sobre a SIDA, S. Francisco, 20-24/Junho. Dois posters apresentados pelo Serviço: "Prevalence of HIV-1 and HIV-2 Antibodies in Pregnant Women at Risk, I.V.D.U. and S.T.D. Patients. A Three year study."; "HIV-2 in Portugal: The Situation in 1990".

Convidada a falar sobre SIDA e HIV-2 pelo "Interparty Committee on AIDS" do Parlamento Inglês, em Westminster, Londres 9/Julho. Falou sobre "Os vírus HIV e Portugal".

"Comissão da Juventude", Assembleia da República., Reunião 26/Outubro.

Congresso "Euromédecine", Montpellier, 7-10/Novembro.

Congresso da Associação Portuguesa de Psiquiatria sobre "Estilos de Vida e Comportamentos Aditivos: Droga, Álcool, Tabaco". Na Mesa Redonda sobre "Aspectos

Médicos das Toxicodependências", Fundação Gulbenkian, Lisboa, 22/Novembro.

DIA DA SIDA, 30/Novembro. "As Mulheres e a SIDA", Quatro Painéis no Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian: "A mulher e o Risco da Infecção", "Infecção pelo HIV: Dilemas e Direitos da Mulher", "A Mulher no Apoio aos Infectados", "A Mulher na Prevenção da Infecção pelo HIV".

1991 - Aula sobre SIDA para curso de Bioquímica, Fac. Ciências, Univ. de Lisboa, a pedido da Prof. T.C. Conceição. 30/Janeiro.

IV Encontro das Taipas (Projecto Vida), Lisboa, 7-8 Fevereiro.

Seminário sobre Droga (Projecto Vida), Centro de Estudos Judiciários, Limoeiro, Lisboa, 14/Fevereiro.

Reunião com Cineastas no Centro Cultural dos Descobrimentos, sobre "videos" de SIDA, Belém, Lisboa, 24/Fevereiro.

II Encontro da Caritas Portuguesa, Coimbra, 4-6/Março. Tema: "SIDA: A Responsabilidade da Igreja". Intervenção: "Reflexão da Comissão Nacional da SIDA".

I Congreso Nacional sobre el SIDA, Madrid, 5-8/Março. Não esteve presente. Vários trabalhos e posters apresentados por colaboradores.

Reunião com Clínicos Gerais no INSA: Preparação da Campanha da Primavera da SIDA. 11/Março.

Colóquio com Alunos sobre SIDA na Academia Militar, Amadora, 15/Março. (com J. Torgal e Santos Lucas).

Reunião no INSA sobre "Projecto Vida". Apresenta relatório sobre "SIDA e a Droga", 19/Março.

Exposição do Ministério da Saúde no Palácio Foz: Tarde dedicada à SIDA, 2/Abril.

VII Curso para Clínicos Gerais sobre Dermatologia: "Epidemiologia da SIDA", Porto, 6/Abril.

Quinzena da SIDA da Câmara Municipal de Lisboa. Inauguração da Exposição de Cartazes alusivos à SIDA no Centro Cultural dos Descobrimentos, Belém, Lisboa, 7/Abril.

Inauguração da Exposição sobre SIDA para Alunos Universitários, na Cantina da Universidade, Lisboa 23/Abril.

Semana do Hospital de Castelo Branco e Sessão na Escola Superior de Educação, Castelo Branco, 30/Abril. (com J. Champalimaud, Santos Pardal).

I Congresso Nacional de Doenças Infecciosas. Reunião Projecto Cidades Saudáveis: Amadora. Mesa Redonda sobre "Novos Métodos de Diagnóstico Laboratorial das Infecções Bacterianas, Virais e Parasitárias" Vários trabalhos e posters do Serviço de Virologia. Lisboa, 6-10/Maio.

III Encontro Nacional de Investigação em Saúde. Fala sobre "SIDA: Controlo e Prevenção Social". Fac. de Medicina de Lisboa, 9-11/Maio.

VI Congresso Português de Patologia Clínica, Forum Picoas. Mesa Redonda: "Diagnóstico Microbiológico das Infecções Gastro-Intestinais", Lisboa, 23/Maio.

Seminário sobre "Social and Economic Factors in Health Care, Fundação Gulbenkian, Lisboa, 25/Maio.

III Jornadas Médicas dos Serviços Prisionais e I Reunião Internacional de Medicina Prisional, Oeiras, 6-7/Junho. Falou sobre "SIDA em 1991".

VII Congresso Internacional de SIDA. Moderadora do Workshop: "Transmission of HIV Infection". Apresentação de vários posters, Florença, 16-21/Junho.

I Congresso Internacional de Toxicodependências. Moderadora da Mesa Redonda sobre "Prevenção Primária", Coimbra, 4-5/Novembro.

I Jornadas de Enfermagem da Escola de Enfermagem Prof. Bissaia Barreto, Coimbra, 2-3/Dezembro. Falou sobre "SIDA/o Doente/o Técnico de Saúde".

DIA MUNDIAL DA SIDA. Reunião no INSA sobre "A Infecção pelos VIH e a SIDA nos Serviços de Saúde". Fez as Conclusões, Lisboa, 4/Dezembro.

Reuniões de Pneumologia do Hospital Pulido Valente. Falou sobre "SIDA em Portugal", Lisboa, 5-7/Dezembro.

SOCIEDADES CIENTÍFICAS

Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa

Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais

Sociedade Portuguesa de Medicina Interna

Sociedade Portuguesa de Imunologia

Sociedade Portuguesa de Microbiologia

Esta Sociedade foi criada por um grupo de Investigadores - Adriana de Figueiredo, Amarilis Fonseca, António Terrinha, Armindo Filipe, Artur Galdes e Laura Ayres - que à tarefa da sua criação dedicaram muitas horas dos seus tempos livres.

Veio colmatar uma falha no meio científico português mas infelizmente ainda não conseguiu atingir o grau de desenvolvimento que seria de desejar e que aqueles que a organizaram esperavam que atingisse.

1974-77 - Vice Presidente da Direcção da Sociedade Portuguesa de Microbiologia

Associação Portuguesa para a Promoção de Saúde Pública

1990 - Membro do Conselho Directivo do "INTERNATIONAL JOURNAL OF THE HEALTH SCIENCES", Universidade de Groningen, Holanda.

TRABALHOS PUBLICADOS

1. CUTILEIRO, J., AYRES, L. JANZ, G.J. e MARQUES CARDOSO, A. - Aspectos da imunização anti-diftérica numa área de Lisboa - *Amatus Lusitanus* 7, (8): 3-23, 1950.

Faz-se um estudo da imunidade antidiftérica por dados de morbilidade, dados de mortalidade e prova de Schick, em crianças dos 0 aos 12 anos de idade e em adultos, estudantes de Medicina e de Enfermagem.

2. SAMPAIO, A., AYRES, L. e NUNES, M.I.P. - Aspectos laboratoriais da epidemia de "Gripe Asiática" - *Bol. Serv. Saúde Pública*, 5, (4), 1958.

Apresentam-se os vários estudos laboratoriais feitos no Instituto de Higiene, durante a epidemia de gripe asiática - isolamento e classificação de estirpes, estudos epidemiológicos, nomeadamente estudo das infecções inaparentes e estudo do poder antigénico da vacina produzida pelos técnicos do Laboratório com a colaboração do Laboratório Central de Patologia Veterinária.

3. SAMPAIO, A. e AYRES, L. - Análise antigénica das estirpes de gripe isoladas em Portugal na epidemia de 1957 - *Arq. Port. de Bioquímica*, 2: 136-147, 1958.

Os autores estudam as características antigénicas das estirpes de vírus isoladas durante a epidemia de 1957. As diferenças verificadas entre elas, e em desacordo com as características epidemiológicas do surto, devem-se à fase P ou Q em que as estirpes se encontram. Verificou-se que todas as estirpes eram semelhantes bastando, portanto, incorporar uma delas nas vacinas preparadas para controlar o surto.

4. AYRES, L. - Vacinas - *Bol. da Ordem dos Médicos*, 9, 1960. Lição proferida no XI Curso de Aperfeiçoamento Médico, organizado pelo Conselho Regional, em Março de 1960.

5. AYRES, L., NUNES, M.I.P., FIGUEIREDO, M.V.T. e SAMPAIO, A. - Estirpes de vírus da poliomielite isoladas no Laboratório de Virologia do Instituto Superior de Higiene Dr. Ricardo Jorge - J. Soc. Ciências Méd. Lisboa, 125, (8), 1961.

Foi feito o estudo de 20 estirpes de vírus da poliomielite, isoladas de 42 amostras de fezes de doentes com o diagnóstico de poliomielite, formas parálitica e não parálitica. Analisada a técnica laboratorial chama-se a atenção para alguns factores que poderão fazer melhorar a casuística.

6. SAMPAIO, A., AYRES, L., SÁ, R., CAEIRO, M., NUNES, M.I.P., FIGUEIREDO, M.V.T. - Aspectos epidemiológicos da poliomielite em Portugal. I. Distribuição de anticorpos neutralizantes contra os vírus da poliomielite no distrito de Viana do Castelo - Outubro 1960 - J. Soc. Ciências Méd. Lisboa, 125, (8), 1961.

Apresenta-se a distribuição de anticorpos neutralizantes em crianças dos 0 a 9 anos de idade, do distrito de Viana do Castelo. Este trabalho inseriu-se num inquérito serológico feito em 8 distritos do Continente para estudo da prevalência da infecção pelo vírus da poliomielite, com vista a uma futura vacinação contra esta doença que, à data em que o inquérito foi feito, se previa que pudesse tornar-se num importante problema de Saúde Pública. O conhecimento sobre a doença baseava-se, até então, em dados de morbilidade, muito deficientes.

Este trabalho teve o PRÉMIO SANITAS de Saúde Pública, de 1961.

7. AYRES, L., NUNES, M.I.P. e SAMPAIO, A. - Aspectos laboratoriais do tracoma em Portugal - J. Soc. Ciências Méd. Lisboa, 125, (5), 1961.

Apresentam-se os dados do estudo laboratorial de 351 doentes com várias formas de conjuntivite, incluindo tracoma.

São apontadas três características que indicam uma maior benignidade do tracoma

em Portugal em comparação com o que se observa em outros países, nomeadamente africanos:

- 1) uma baixa percentagem de esfregaços positivos,
- 2) um número pouco elevado de isolamentos positivos,
- 3) um relativamente baixo número de infecções secundárias.

8. SAMPAIO, A. e AYRES, L. - Isolamento do vírus do tracoma em doentes portugueses - J. Soc. Ciências Médicas de Lisboa, 125, (5), 1961.

Descreve-se a técnica de isolamento do "vírus" do tracoma, conseguido, pela primeira vez em Portugal, de doentes portugueses.

9. AYRES, L. - Diagnóstico laboratorial das doenças por vírus - Bol. Serv. Saúde Pública, 8, (4), 1961.

São indicados os princípios gerais que devem orientar o diagnóstico laboratorial das doenças virais chamando-se a atenção para que ele pode ser feito mesmo em laboratórios com pouco dinheiro e sem óptimas condições de instalações.

10. AYRES, L. - Contribuição para o estudo do tracoma - Bol. Serv. Saúde Pública, 10, (1), 1963.

Monografia apresentada como trabalho final do Curso de Medicina Sanitária PRÉMIO RICARDO JORGE.

11. SAMPAIO, A., AYRES, L., HADDAD, N.A., BELL, S.D.Jr., MURRAY, E.S., SNYDER, J.E. - Studies on trachoma. IV. Investigations in Portugal on formalin-killed trachoma vaccines with special reference to serologic response - Amer. J. Trop. Med. Hyg. 12, (6): 909-915, 1963.

Descreve-se um estudo feito em Portugal usando uma vacina contra o tracoma, morta, contendo duas estirpes de vírus imunologicamente distintas, isoladas na Arábia Saudita.

12. AYRES, L. - Tracoma. Progressos recentes - O Médico, nº 853, 1968.

Indicam-se os mais recentes avanços no estudo do tracoma, nomeadamente na etiologia, no tratamento e na profilaxia; faz-se referência a alguns trabalhos realizados em Portugal.

13. AYRES, L., NUNES, M.I.P. e TEIXEIRA, I. - Gripe A/Hong-Kong/68 (H3N2) III. Vacinação. Estudos em voluntários - Arq. INSA, 1:1972.

Apresentam-se os resultados laboratoriais do estudo do poder antigénico de 6 tipos diferentes de vacinas (5 estrangeiras e 1 preparada no laboratório do Instituto) avaliado:

- 1) pelo nível de anticorpos observado,
- 2) pela diferença na resposta imunitária com 1 e 2 estímulos de antígeno,
- 3) pelo tempo decorrido entre a vacinação e o aparecimento de anticorpos,
- 4) pela persistência de anticorpos, um ano após a vacinação.

14. AYRES, L. e FERREIRA, M. F. - Seroepidemiologia da Rubéola - Arq. INSA 1: 177, 1972.

É apresentada a distribuição de anticorpos anti-rubéola, na população feminina de Lisboa e Porto, nos grupos etários 0-9, 10-14, 15-19, 20-24, 25-29, 30 e mais anos. Em mulheres dos 15 aos 45 anos, 18% são susceptíveis à rubéola o que certamente constitui um factor de risco que os clínicos e as autoridades de Saúde devem ter em conta.

15. AYRES, L. e TEIXEIRA, I. - Importância das infecções inaparentes na epidemiologia das infecções de vírus - Arq. INSA, 1: 261, 1972. Chama-se a atenção para a importância das infecções inaparentes de consequências importantes para o virologista, para o epidemiologista e para o clínico.

16. AYRES, L. - O papel do laboratório no diagnóstico das doenças transmissíveis por vírus com especial interesse em pediatria - in V Curso de Actualização e Aperfeiçoamento em Pediatria, pags.145-155, 1972.

Indicam-se os métodos de diagnóstico laboratorial em doenças virais com importância em Pediatria e chama-se a atenção para a necessidade de que ele seja feito.

17. COSTA, J.B., NUNES, M.I.P., AYRES, L. - Estudo epidemiológico e laboratorial de um surto de poliomielite ocorrido na Ilha da Madeira (Março a Julho, 1972) Arq. INSA 2: 47-56, 1973.

Descreve-se um surto de poliomielite que atingiu 85 crianças da Ilha da Madeira, dos 0-5 anos de idade. O diagnóstico da doença foi confirmado por isolamento do agente e/ou por subida do título de anticorpos neutralizantes. O surto pode ser explicado por uma vacinação deficiente, da população infantil da Ilha.

18. AYRES, L. - Rubéola e malformações humanas - in: Livro de homenagem ao Professor Arnaldo Sampaio, págs. 165-170, 1978.

Neste trabalho descreve-se o problema de Saúde Pública das malformações devidas à infecção pelo vírus da rubéola e chama-se a atenção para a necessidade de que a vacinação seja instituída.

19. NUNES, M.I.P., OLIVEIRA, J.S., MELO, F.G., AYRES, L. - Poliomielite. I Prevalência de anticorpos em indivíduos dos 2-25 anos - Arq. INSA 4: 133-139, 1980.

Apresentam-se os resultados de um inquérito serológico realizado em 14 distritos do Continente, em indivíduos dos 2 aos 25 anos de idade com o fim de determinar a prevalência de infecção pelos vírus da poliomielite.

20. AYRES, L. - Malformações humanas por infecção viral - Rev. Port. Doenças Inf. Ano III, (1-2): 99-104, 1980.

Faz-se uma revisão das infecções virais que são causa (ou se admite que possam sê-lo) de malformações humanas.

21. AYRES, L. - Rubéola: conduta a seguir para a prevenção da infecção e das malformações - O Médico, 99, nº 1556: 843-848, 1981.

Trabalho de divulgação destinado, fundamentalmente, a clínicos.

22. AYRES, L. - Doenças Infecciosas e Parasitárias - Arq. INSA, 5: 25-29, 1981.

Faz-se a análise dos dados referentes a doenças infecciosas em Portugal e comparam-se com os de outros países; mostra-se que as doenças infecciosas no nosso País são ainda problemas de Saúde Pública importantes.

23. AYRES, L. - Laboratório de Virologia - Arq. INSA, 6: 42-49, 1981.

24. AYRES, L. - Infecções virais: Tendências actuais, perspectivas futuras.

Revista Portuguesa de Saúde Pública, 1(1): 41-44, Jan. 1983.

25. AYRES, L. - Investigação - Arq. INSA, 7: 123-127, 1982.

Trabalho inserido na Mesa-Redonda "Contribuição do Instituto Nacional de Saúde", na Sessão de Homenagem ao Professor F.A. Gonçalves Ferreira.

Descreve-se a acção do Instituto Nacional de Saúde no desenvolvimento da investigação, no campo da saúde.

26. AYRES, L. - Conclusões e Recomendações - Arq. INSA, 7: 133-136, 1982.

Conclusões e recomendações da Sessão de Homenagem ao Professor F.A. Gonçalves Ferreira, subordinada ao tema "O Desenvolvimento da saúde em Portugal nas últimas décadas".

27. AYRES, L., FEIJÓO, M.J., SANTOS, H., AMARAL, J., FINO, L.D., SANCHES, N. GUIMARÃES, E., DUARTE, L., SOUSA, M.J., SILVA, R.F., GUERREIRO, O. - Registo de Malformações Congénitas (1ª Parte) - Rev. Port. S. Públ. 1(4): 15-22, 1983.

Apresentam-se as características do registo de malformações congénitas e os resultados observados no ano de 1981, em 3 maternidades de Lisboa.

28. AYRES, L. e OLIVEIRA, J.M.S. - Inquérito Serológico Nacional: Portugal Continental 1979/80 - Introdução - Arq. INSA, 8: 1-13, 1983.

Descrevem-se as características da amostra que serviu de base ao inquérito serológico.

29. AYRES, L. - Inquérito Serológico Nacional: Portugal Continental 79/80. Pesquisa de anticorpos anti-vírus da rubéola - Arq. INSA, 8: 85-93, 1983.

São apresentados os resultados da pesquisa de anticorpos anti-rubéola, pela técnica da inibição da hemaglutinação, na população do país. Os achados mostraram que a infecção ocorria principalmente em crianças de idade escolar e em jovens adolescentes e que a susceptibilidade à rubéola era ainda elevada em mulheres em idade fértil.

30. BANDEIRA COSTA J, CALDEIRA DA SILVA JM, FRANCO P, MACHADO CAETANO J, AYRES L. - "Síndrome da Imunodeficiência Adquirida: Situação na Europa em 1985". Rev. Port. de Saúde Pública, Out./Dez. 1985; 3(4): 29-40.

31. AYRES L, BANDEIRA COSTA J, CALDEIRA DA SILVA JM, FRANCO P, MACHADO CAETANO J. "Síndrome da Imunodeficiência Adquirida: Situação em Portugal em 30 de Setembro de 1986". Rev. Port. de Doenças Infecc., Out./Dez. 1986; 9(4): 161-164.

32. BANDEIRA COSTA J, CALDEIRA DA SILVA JM, FRANCO P, MACHADO CAETANO J, AYRES L. - "SIDA: a situação actual". Rev. Port. de Saúde Pública, Jan./Mar. 1987; 5(1):37-44.

33. AYRES L. "O Centro de Vigilância Epidemiológica". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1988; 1(1): 1-3.
34. FURTADO C, AVILLES MF, AYRES L. - "SIDA: Que risco para os trabalhadores de saúde?". Rev. Port. de Doenças Infecc. 1988; 11(2): 73-74.
35. AVILLES MF, PISTA MA, AYRES L. - "Prevalência de anticorpos anti-HIV-1: Análise dos resultados de 1000 soros estudados. Nota Preliminar". Rev. Port. de Doenças Infecc. 1988; 11(2): 75-77.
36. CENTRO DE SAÚDE DA LAPA INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE, HOSPITAL CURRY CABRAL. "Prevalência de anticorpos anti-HIV-1 e anti-HIV-2 em homossexuais, prostitutas e outros indivíduos atendidos numa clínica de Doenças de Transmissão Sexual". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1988; 1(3): 4-5.
37. LABORATÓRIO DE REFERÊNCIA DA SIDA. "Síndrome da Imunodeficiência Adquirida". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1988; 1(4): 6.
38. ANTUNES M, PEREIRA LM, AVILLES MF, FURTADO C, AYRES L. - "Prevalência de anticorpos anti-HIV-1 e anti-HIV-2 em mulheres atendidas na Maternidade Magalhães Coutinho. Estudo preliminar". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1988; 1(7): 4-7.
39. DAL CONTE I, LUCCHINI A, GIULIANI G, AYRES L, AVILLES MF, GILGEN D et al. - "The Karpas AIDS Cell Test compared with an Enzyme-Linked Immunosorbent Assay for detecting antibody to the Human Immunodeficiency Viruses (HIV-1 and HIV-2)". J. of Infection 1988; 16:263-272
40. TRISTEM M, - MANSINHO K, CHAMPALIMAUD JL, AYRES L, KARPAS A. - "Six new isolates of Human Immunodeficiency Virus type 2 (HIV-2) and the Molecular Characterization of one (HIV-2 CAM2)". J. Gen. Virol. Feb. 1989; 70 (Pt 2):479-484.
41. AVILLES MF, PISTA A, BENITO GARCIA A, FURTADO C, AYRES L. - "Inexistência de anticorpos anti-HIV em familiares de indivíduos infectados ou com SIDA". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1989; 2(2): 8.
42. MARQUES A, CARDOSO J, PÁDUA E, AYRES L. - "Estudo da prevalência de anticorpos anti-Vírus Epstein-Barr, Herpes Simplex e Citomegalovirus numa população HIV positiva". Rev. Port. Doenças Infecc. 1989; 12(3): 169-171.
43. PÁDUA E, AYRES L, AVILLES MF. - "Ausência de anticorpos para o HTLV-I, HIV-1 e HIV-2 em 1054 soros colhidos em Portugal Continental em 1979/80". Arq. do Inst. Nac. de Saúde 1989; 14:231-236.
44. AYRES L, MACHADO E. - "Rubéola: Considerações sobre a Epidemiologia em Portugal". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1989; 2(5): 2-7.
45. ANTUNES M, AVILLES MF, FURTADO C, MARQUES PEREIRA L, AYRES L. - "Prevalência de anticorpos anti-HIV-1 e anti-HIV-2 em mulheres atendidas na Maternidade Magalhães Coutinho". O Médico 1989; 120(1932): 532-535.
46. AYRES L. - "SIDA: situação em Portugal em 30 de Setembro de 1989. Alguns comentários". Rev. Port. de Saúde Pública, Jan./Mar. 1990; 8(1): 61-63.

47. AYRES L, AVILLETZ MF, GARCIA-BENITO A, DEINHART F, GURTLER L, DENIS F et al. - "Multicenter evaluation of a new recombinant enzyme immunoassay for the combined detection of antibody to HIV-1 and HIV-2", AIDS 1990; 4(2): 131-138

48. PISTA A, FURTADO C, BENITO GARCIA A, PÁDUA E, CARDOSO J, ANTUNES M et al. - "Prevalência de anticorpos anti-HIV-1 e anti-HIV-2 em grávidas de alto risco, toxicodependentes e indivíduos atendidos numa clínica de DTS. Estudo de 3 anos". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1990; 3(6): 1-7.

49. PÁDUA E, PISTA A, BENITO GARCIA A, FURTADO C, AYRES L, AVILLETZ MF. - "Prevalência de anticorpos anti-HTLV-I em indivíduos infectados pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH)". Bol. Epidemiol. (Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis) 1990; 3(6): 14-20.

50. FURTADO C, PISTA A, BENITO GARCIA A, PÁDUA E, AYRES L, AVILLETZ MF. - "Prevalência da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH) em homens assintomáticos, homossexuais e heterossexuais". Rev. Port. de Doenças Infecç. 1991; 14(3): 205-207.

51. FIGUEIREDO MV, REBELO DE ANDRADE H, PAIXÃO MT, MARINHO FALCÃO J, AYRES L, GONÇALVES A et al. - "Gripe em 1990/1991: Resultados da Vigilância Clínica e Laboratorial". Saúde em Números (DGCSP) Maio 1992; 7(2): 13-16.

52. PISTA A, SANTO C, BARTOLO E, ALMEIDA M, AYRES L, FERREIRA P et al. - "Estudo do tipo de Papillomavirus Humano (HPV) no aparelho genital feminino e masculino". Acta Médica Port. 1992; 5:567-570.

Mensagens Recebidas

Prof. Doutor A. Torres Pereira
Director da Faculdade de Medicina de Lisboa:

O Conselho Directivo da Faculdade de Medicina de Lisboa vem junto de V. Exa. apresentar o seu mais profundo sentimento de tristeza pela perda da Professora Doutora Laura Ayres.

Nesta hora de luto, em nome do Conselho Directivo da Faculdade de Medicina de Lisboa, e em meu próprio nome, venho apresentar a V. Exa. os nossos sentidos pesames.

Prof. Doutor J. Ribeiro da Silva
Presidente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa:

Meu Exmo. Colega e Amigo

Por ter estado ausente na Índia onde me desloquei a convite da Universidade de Nova Deli, não me foi possível acompanhá-lo na altura do falecimento de sua Mulher a Senhora Professora Laura Ayres.

Creia meu Exmo. Amigo que de todo o coração o acompanho e que recordo a sua Mulher como uma das figuras mais ilustres da medicina Portuguesa que soube juntar ao seu valor científico grandes qualidades humanas que a tornam inesquecível.

Dr. M. H. Merson
Director, Global Programme on AIDS
World Health Organization
Geneva:

... I am deeply saddened to learn the tragic news. Professor Ayres' contribution to the fight against AIDS was significant and she will be greatly missed. My colleagues in the Global Programme on AIDS who have worked with Professor Ayres join me in conveying our sincerest condolences to her family and to her colleagues.

Dr. J. E. Asvall
Regional Director for Europe
World Health Organization
Copenhagen:

Grateful you pass this telex to Dr. Rosa Oliveira, husband of Professor Laura Ayres. It is with great sadness that I have learned of the death of your wife. Her dedication and enthusiasm for the many activities on which she has collaborated with the Regional Office of the World Health Organization will be sorely missed by us all. Please accept, on behalf of myself and the staff of the Regional Office, our heartfelt condolences.

Jonathan Mann, MD, MPH
Professor of Epidemiology and
International Health,
Harvard School of Public Health,
Chair, VIII International Conference
on AIDS/III STD World Congress,
Boston, Mass:

I was deeply saddened by the news of the death of Laura Ayres. I had admired Dr. Ayres greatly, and benefitted from her wisdom and counsel on many occasions during the past several years. She inspired us and helped us with her superb judgement and knowledge of people.

We will miss Laura Ayres greatly, along with many other people in Portugal, in Europe and around the world, who had the privilege of meeting her. Please convey our deepest respects and condolences to her husband and family, and to her close colleagues in Lisbon.

Prof. Philippe Lazar
Directeur Général de l'INSERM
Ancien Président du CGC de la CE
Recherche Médicale et en Santé.
Paris:

Cher Monsieur,
J'ai été tout à fait bouleversé d'apprendre le décès de votre épouse, Madame Ayres. Au cours de nombreuses années de coopération à la CEE nous avons pu prendre la pleine mesure de ses immenses qualités professionnelles et aussi de sa grande gentillesse - qui n'excluait pas la fermeté de caractère et de son grand dévouement au développement des champs scientifiques et techniques de sa compétence. Ce sont d'ailleurs ces qualités qui lui avaient valu la confiance de ses pairs et d'accéder, pour la plus grande satisfaction de tous, à la présidence de l'un de nos "COMACs".
Mais bien sûr, au delà de cet éloge professionnel, c'est la disparition d'un être qui nous était cher qui nous émeut. À vous

même et à tous vos proches, conscients de la lourdeur du malheur qui soudainement vous frappe, les membres du Comité de Gestion de la Recherche Biomédicale que j'ai présidé en cours de ces dernières années, m'ont chargé de vous dire leur émotion et leur compassion.

Je vous prie, cher Monsieur, d'être notre interprète auprès de tous les vôtres pour leur transmettre l'expression de nos très sincères condoléances et de nos sentiments profondément attristés. Croyez, je vous prie, à mes très proches pensées.

Dr. Giovanni Fracchia
Commission of the European Communities
Directorate General for Science,
Research and Development
Brussels:

I have been greatly moved by the news that Professor Laura Ayres passed away. The image of Laura, her professional experience as well as cheerfulness and all I have been learning from her will never fade from my memory.

Mr. Marc Cosyns
Commission of the European Communities
Directorate General for Science,
Research and Development
Brussels:

I hereby would like to condole with her Family and Colleagues on the unexpected loss of Professor Laura Ayres.

She will be remembered as a beloved, friendly and helpful person and as a remarkable and respected Scientist at National and International level.

Her presence and guidance as Chairman of COMAC-HSR and her advice during the numerous EC advisory committees of which she was a member will be missed. May she rest in peace.

Dr. Alex Gromyko
Director, Special Programme on AIDS
Regional Office for Europe
W H O
Copenhagen:

With great sadness I have learned of the death of Laura. She was such a bright personality, very cooperative and friendly in many occasions when we worked together. Please accept my sincere condolences.

Dr. Philip P. Mortimer
Central Public Health Laboratory
Director, Virus Reference Laboratory
Colindale
London:

We at Colindale were shocked and saddened to learn of Laura's death.

We came to know Laura through her frequent visits and other meetings to do with AIDS and she was such a splendid colleague: friendly, enthusiastic, generous in her instincts and so hard working on the AIDS problem and on Portugal's problems with it, in particular. We know that she made an immense contribution both within Portugal and beyond and we grieve that the strain of this work and responsibility many have contributed to her untimely death.

Please accept from my colleagues and from me our sincere condolences. We hope very much that you can sustain the loss and find a little comfort in learning of the very high esteem in which we all held Laura.

Dr. D. C. Reid
Director
Communicable Diseases and Environment
Health Unit (Scotland)
Ruchill Hospital
Glasgow:

I was so sorry to hear how ill Laura was, especially, when I remember her vitality and enthusiasm. Her friendship I valued greatly and she always made me feel so welcome. She was a great ambassador for Portugal. The loss to you and the Institute must be a tremendous one.

Dr. Vera Boltho Massarelli
Principal Administrative Officer
Health Division
Secretariat General, Council of Europe
Strasbourg:

... J'ai été profondément peinée d'apprendre le décès de Laura Ayres. En effet, cette disparition ne représente pas seulement, comme vous le mentionnez à juste titre, une perte énorme pour votre Institut et votre pays, mais surtout pour la communauté internationale qui s'est retrouvée avec elle au sein des problèmes du sida.

Resteront gravés dans notre mémoire son intelligence et sa personnalité exceptionnelle, son charisme et la chaleur de son contact.



Vida e morte no ensino da Saúde Pública*

É pacífico que a Revista Portuguesa de Saúde Pública (RPSP) está intimamente ligada aos aspectos existenciais da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e, portanto, ao ensino da saúde pública em Portugal.

Não se estranhará, assim, que a responsabilidade editorial da Revista reaja com grande sensibilidade ao que de mais notável vai acontecendo na Escola ou na área de actividade que lhe é atribuída por missão.

Não deve estranhar-se, igualmente, que a postura do Conselho de Redacção não se limite à pura percepção dos factos, mas se revista de uma natureza emotiva.

Um recente acontecimento de elevada notoriedade na vida da Escola - um verdadeiro marco na sua caminhada de decénios ao serviço do estudo e do ensino da saúde pública - vem como que dar cumprimento à "profecia legal" inscrita no diploma que, em 1966, criava a Escola Nacional de Saúde Pública e de Medicina Tropical.

Refiro-me à sua transição do Ministério da Saúde para o Ministério da Educação, determinada, há pouco tempo, pela Lei Orgânica do XII Governo Constitucional.

Com esta transferência completa-se um ciclo importante da vida da Escola Nacional de Saúde Pública e, com a consequente entrada para o sistema educativo e integração na universidade, obtém-se resposta para uma panóplia de aspirações, expectativas e necessidades recentes.

Este facto, que, sem exageros, poderá ser adjectivado de histórico, significa, entre outras coisas, uma manifestação da plena vitalidade da Escola e de renovada vida da instituição.

Mas, nos últimos tempos, nem tudo têm sido manifestações de vida na ENSP e no ensino da saúde pública.

Também a morte teve a sua oportunidade de visitar a Escola e marcar presença, vindo retirar ao convívio de colegas, de alunos e de todo o pessoal um dos seus mais distintos docentes.

Laura Ayres, professora catedrática da ENSP, que se aproximava da jubilação ainda plena de energia e entusiasmo, foi inesperadamente obrigada a desistir de alcançar aquela meta, já em pleno *sprint* final.

De repente, a saúde pública e a Escola ficaram de luto.

A Revista Portuguesa de Saúde Pública regista e assinala estes dois acontecimentos, que se situam em pólos opostos, com um sentimento misto e confuso de esperança e de saudade.

A ambos presta o devido destaque e a adequada homenagem.

J. Caldeira da Silva
Director da Escola Nacional
de Saúde Pública

* In: Revista Portuguesa de Saúde Pública 3(1)
Jan.-Mar. 1992

Laura Ayres há quarenta e cinco anos*

No ano "longinquo" de 1947 (longinquo não só no tempo, quase meio século! - como, sobretudo, na vida política, no grau de desenvolvimento, no meio sócio-cultural e até no ambiente e na maneira de viver dos portugueses), cerca de 200 jovens médicos, na sua maioria formados nesses ano ou nos 2 ou 3 anteriores, concorreram às cerca de 30 vagas de interno no Internato Geral dos Hospitais Cívicos de Lisboa. Lugares restrictos então altamente cobiçados, ainda que pagando um salário irrisório, mesmo para a época, exigiam a realização de provas de concurso público que - dizia-se entre os finalistas do curso de medicina - eram "mais difíceis" e certamente mais competitivas de que os exames finais do 5º ano médico.

Foi a uma dessas poucas vagas que, recém-formado, em Julho de 1947, concorri no Outono do mesmo ano, com um grupo apreciável de colegas do meu curso e dos dois ou três cursos anteriores. Entre estes, já havia algumas médicas corajosas mas cheias de interesse e de vontade de aprender a prática clínica e iniciar a carreira, então altamente prestigiada, dos H.C.L. Naturalmente bem aceites pelos colegas e pelos júris, estes todos do sexo masculino, nenhuma dessas colegas tinha obtido, até então, tão longe quanto a memória podia chegar, classificação destacada, o que, dizia-se seria impensável, não por falta de qualificação, bem entendido, mas porque eram senhoras.

Recordo-me perfeitamente dos meses de preparação febril e das provas prestadas, de que a primeira ("doença reumática") me cor-

reu tão bem que perante um júri considerado como "duro" fiquei logo apontado para o primeiro lugar.

Mas as provas não eram únicas e, ao fim e ao cabo, uma jovem médica, formada apenas um ano antes de mim, fez provas melhores, como se reconhecia, embora não se esperasse, pelas "razões" acima esboçadas, que fosse oficialmente reconhecida como a primeira daquele concurso. Consta que o júri levou muito tempo para tomar uma decisão e correu até o boato que teria havido troca de opiniões mais vivas entre os seus membros. Mas a decisão acabou por ser tomada e a pauta com os resultados foi afixada, no átrio do Hospital de S. José. E ali estava, o preto no branco, pela primeira vez na história dos H.C.L.. Aquela colega, a simpática e viva Dra. Laura Ayres, fora a primeira classificada. Foi uma vitória talvez "difícil" para a época, mas inteiramente justa, como até este segundo classificado logo reconheceu e felicitou.

Tem-se escrito muito e elogiado muito a Prof^a. Laura Ayres, sobretudo depois do afastamento prematuro que a sua morte nos impôs.

A sua carreira brilhante, coroada com o concurso para professora catedrática de Microbiologia Sanitária na Escola Nacional de Saúde Pública (perante júri de que fiz parte), com a sua carreira de investigadora e dirigente do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, e, nos últimos anos, como presidente do Grupo da SIDA, tem sido realçada por muitos, aqui e até no estrangeiro. Que mais poderia eu dizer da Professora Laura Ayres, depois de tudo o que foi escrito, dito e celebrado, quando me

* In: Boletim de Epidemiologia 4, Dez. 1992

pediram este editorial para o boletim que criei para a Associação Portuguesa de Epidemiologia, de que aquela colega foi também sócia fundadora? Ao pensar no que gostaria de dizer, mas sem vontade de repetir tudo o que já foi dito, lembrei-me desta antiga e grande vitória da Laura Ayres; e foi assim que decidi oferecer esta história simples mas significativa da sua e da nossa vida profissional.

L. Cayolla da Motta
Antigo Presidente da Associação
Portuguesa de Epidemiologia
Prof. Catedrático de Epidemiologia da
E.N.S.P.

Professor Laura Ayres

*In Memoriam**

Professor Laura Ayres, who was chairperson of COMAC-Health Services Research since 1987 and a member of the AIDS Research Working Party since 1986, died suddenly last January, at the age of 69, as a consequence of a serious cerebrovascular accident.

She was a distinguished scientist in the field of communicable diseases and a very prestigious staff member of the National Institute of Health in Lisbon where she worked since the fifties. She was a member of the Board of Directors of the Institute and the director of some services that she had developed or created herself over the last forty years - namely, the Laboratory of Virology, the National Influenza Centre, the Surveillance Centre for Communicable Diseases, and the Centre for the Study and Register of Congenital Anomalies. She was also a Full Professor of Microbiology at the National School of Public Health, in Lisbon.

Thanks to the outstanding work which she carried out all through those years she was a very prominent figure in the Portuguese scientific community and acquired a national reputation in the field of public health. In the last six years her dedication, enthusiasm, generosity and professional competence at the head of the National Committee on AIDS made her a very popular figure in her country.

On the international scene she was also a very appreciated collaborator and besides the European Community, where she made very valuable scientific contributions, particularly in the fields of AIDS and health services research, she participated as well in many WHO activities - as temporary adviser, in expert committees, and organising and chairing scientific meetings.

Beyond her professional competence, and also contributing to it, Laura Ayres was endowed with a very strong personality showing a few remarkable traits which made her loved and admired by all who knew her. She possessed a very acute intelligence and a great sense of humour, she was always cheerful, enthusiastic, friendly, courteous but with a great firmness of character, and very dedicated and hardworking.

Throughout her professional life she gave an immense contribution both within Portugal and beyond.

She will be sorely missed by all those who had the pleasure and the privilege of working with her.

Professor Aloísio M. Coelho
Director-General, National Institute of
Health,
Lisbon, Portugal

* Biomedical & Health Research/CEE, Brussels.
3(1) 1992, p. 4

ARQUIVOS
DO INSTITUTO
NACIONAL
DE SAÚDE



VOL. XVIII 1993